



IDEM

INFORMATIVO DR. EDUARDO MONTEIRO

O Espiritismo de Allan Kardec em sua essência



Edição 351

JUNHO | JULHO 2025

ÍNDICE

3 O Que Disse Kardec
A Respeito das Publicações
Espíritas

6 Filosofia e Espiritismo
Filosofia, Religião e Ética

9 Psicologia Espírita por
Joanna de Angelis
O Despertar do Espírito

10 O L. E. Sob a Ótica Filosófica
de Miramez
Forma e Ubiquidade dos Espíritos

17 Instruindo-se com a Revista Espírita
Fotografia do Pensamento

21 Desvendando O Evangelho
Segundo o Espiritismo
Porque Jesus Falava por Parábolas

23 Ciência e Espiritismo
Trâns gênicos, Clonagem e Genética
à Luz do Espiritismo

27 Aprofundando o Conhecimento
das Leis Divinas
Sobre a Lei Natural e
a Lei de Adoração

30 Herculano Pires - Apóstolo de Kardec
O Que é o Espiritismo - Preâmbulo

32 Obras Básicas em Foco
Ação Espírita na Transformação
do Mundo

34 Você Sabe Quem foi?
Prof. Manoel P. São Marcos

36 Para Refletir
A Visão Espírita Sobre
o Emocional e o Mental

39 Fala, Irmão José
Age Serenamente

40 Espaço Chico Xavier
O Desânimo

41 Abrindo Janelas
Neuroespiritualidade: Ansiedade e
Mediunidade Dr. Sérgio Felipe de Oliveira

41 Sugestão de Leitura
O Vôo da Liberdade
José Lázaro Boberg

42 Autoengano Doutrinário

44 A Cerne da Questão dos
Sofrimentos Futuros

46 Médiuns-estrelas:
Afastem-se Deles!

47 Meu Amigo Obsessor

49 E aí? O que Queremos com a
IA no Movimento Espírita?

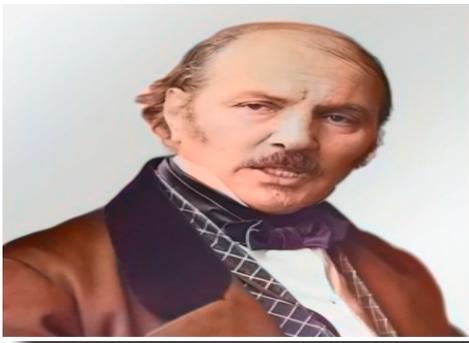
Fora da Caixa

52 A Última Ceia (Leonardo da Vinci)
Análise da Obra

55 Psicofobia
O que é e como combatê-la

55 Waly Salomão
Devenir, Devir

58 Benefícios da Leitura
para seu bem-estar



O Que Disse Kardec

A RESPEITO DAS PUBLICAÇÕES ESPÍRITAS

Há uma coisa ainda mais prejudicial ao Espiritismo do que os ataques apaixonados de seus inimigos: é o que publicam, em seu nome, seus pretensos adeptos. Certas publicações são realmente lamentáveis, porque não podem dar do Espiritismo senão uma ideia falsa e expô-lo ao ridículo.

Isso me leva a dizer algumas palavras sobre a publicação das comunicações mediúnicas.

A publicação tanto pode ser útil, se feita com discernimento, quanto perniciosa, em caso contrário. No número dessas comunicações existem as que, por melhores que sejam, só interessam àqueles que as recebem, não oferecendo aos leitores estranhos senão banalidades. Outras apenas têm interesse pelas circunstâncias nas quais foram dadas, e sem o conhecimento das quais são insignificantes. (...) Mas, ao lado disto, algumas há que são evidentemente más, no conteúdo e no estilo e que, sob nomes respeitáveis e apócrifos, contêm coisas absurdas ou triviais, o que muito naturalmente se presta ao ridículo e dá armas à crítica. É pior ainda quando, sob a proteção desses mesmos nomes, elas formulam sistemas excêntricos, ou grosseiras heresias científicas.(...) Mas, publicá-las pura e simplesmente é apresentá-las como expressão da verdade e garantir a autenticidade das assinaturas, que o bom senso não pode admitir; eis o inconveniente.

Como os Espíritos têm seu livre-arbítrio e sua opinião sobre os homens e as coisas, compreender-se-á que há escritos que a prudência e a conveniência mandam afastar. No interesse da Doutrina, convém, pois, fazer uma escolha muito severa em semelhante caso, eliminando com cuidado tudo quanto possa, por uma causa qualquer, produzir má impressão.

O médium, conformando-se a esta regra, poderia fazer uma coletânea muito instrutiva, que seria lida com interesse, ao passo que, publicando tudo quanto recebe, sem método e sem discernimento, poderia fazer vários volumes detestáveis, cujo menor inconveniente seria o de não serem lidos.

É preciso que se saiba que o Espiritismo sério patrocina com satisfação e zelo toda obra feita em boas condições, venha de onde vier; mas, por outro lado, repudia todas as publicações excêntricas.

Todos os espíritas que se empenham para que a Doutrina não seja comprometida devem, pois, esforçar-se para as condenar, tanto mais porque, se algumas delas são feitas de boa fé, outras podem sê-lo pelos próprios inimigos do Espiritismo, tendo em vista desacreditá-lo e poder motivar acusações contra ele. Daí porque, repito, é necessário que se conheça o que ele aceita, daquilo que repudia.¹

(...) Há comunicações que podem prejudicar essencialmente a causa que querem defender, em intensidade superior aos ataques grosseiros e às injúrias de certos adversários; se algumas fossem feitas com tal objetivo, não alcançariam melhor êxito.

Para começar, tais publicações têm o inconveniente de induzir em erro as pessoas que não estão em condições de aprofundar-se e de discernir sobre o verdadeiro e o falso, principalmente numa questão tão nova quanto o Espiritismo. Em segundo lugar, são armas fornecidas aos adversários, os quais não perdem a oportunidade para tirar daí argumentos contra a alta moralidade do ensino Espírita; porque, diga-se mais uma vez, o mal está em apresentar seriamente coisas que são notórios absurdos.

Alguns mesmo podem ver uma profanação ao papel ridículo que emprestamos a certas personagens justamente veneradas e às quais atribuímos uma linguagem indigna delas.

As pessoas que estudaram a fundo a ciência espírita sabem qual a atitude que convém a este respeito. Sabem que os Espíritos zombeteiros não têm o menor escrúpulo de enfeitar-se com nomes respeitáveis; mas sabem também que estes Espíritos só abusam daqueles que gostam de se deixar abusar, que não sabem ou não querem esclarecer as suas astúcias pelos meios de controle já conhecidos.

(...)Publicar sem exame, ou sem correção, tudo quanto vem dessa fonte seria, em nossa opinião, dar prova de pouco discernimento.²

Aplicando esses princípios de ecletismo às comunicações que nos são enviadas, diremos que em 3.600 há mais de 3.000 que são de uma moralidade irreprochável, e excelentes como fundo; mas que desse número nem 300 merecem publicidade e apenas 100 têm mérito fora do comum.

Resta-nos dizer algumas palavras sobre manuscritos ou trabalhos de fôlego que nos remeteram, entre os quais, não encontramos, em trinta, mais que cinco ou seis de real valor. No mundo invisível, como na Terra, não faltam escritores, mas os bons são raros.

Toda precaução é pouca para evitar as publicações lamentáveis. Em tais casos, mais vale pecar por excesso de prudência, no interesse da causa. ³

Allan Kardec

- 1.KARDEC, Allan. *Viagem Espírita em 1862 e outras viagens de Kardec*. Rio de Janeiro: FEB, 2005. *Instruções Particulares dadas aos Grupos em resposta a algumas das questões propostas, item VI.*
- 2.Revista *Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Ano II, v. 11, 1859. Tradução de Júlio Abreu Filho. São Paulo: EDICEL, 1966. *Deve publicar-se tudo quanto dizem os Espíritos?*
- 3.Op. cit. Ano VI, v. 5, 1863. *Exame das comunicações mediúnicas que nos enviam.*

Fonte: feparana.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Siga a Família GEEDEM.
Clique nos ícones para ser
redirecionado:



Fale com o GEEDEM
Clique na imagem para ser redirecionado:

Quer reler algum artigo do IDEM?
Acesse as edições anteriores:

<https://www.geedem.org.br/edicoes-anteriores>



Caminha um dia após o outro na certeza de que Deus te espera sempre com irrestrito respeito pelas tuas mazelas, guardando o único direito de um Pai zeloso e bom que é a esperança de que amanhã sejas melhor que hoje, para tua própria felicidade.

Ermance Dufaux (Livro: Reforma Íntima sem Martírio)



Filosofia e Espiritismo

A filosofia, um dos três vértices basilares do Espiritismo, nos propicia expandir e quebrar paradigmas, além da reflexão diária necessária para ressignificarmos a vivência na Terra. Quando se diz que o Espiritismo é uma filosofia, não se pode confundi-lo com um sistema filosófico, do tipo do sistema de Kant, ou de Hegel. A Filosofia espírita nos comporta a ideia de que temos que nos conhecer, nos melhorar e de forma humanitária e coerente melhoraremos o mundo. Através dessa filosofia a educação do homem como um todo se torna mais evidente e mais dinâmica, misturando-se ao empirismo social e às novidades de características morais. O homem torna-se controlador de si mesmo a medida que se eleva e se conhece. Somente através disso é que a evolução se dá. Devemos tratar a filosofia espírita com o máximo de respeito pois foi através dessas inúmeras reflexões que Kardec pôde trazer um conteúdo tão rico de renovações e esperanças a todos nós!

FILOSOFIA, RELIGIÃO E ÉTICA

A Filosofia tem como objeto de estudo a moral e a ética, ou seja, estabelecer ideal de conduta do ser humano dentro de princípios de correção. O grave problema enfrentado é definir critérios para avaliar corretamente o que é certo e o que é errado.

Percebe-se que essa é uma preocupação da humanidade desde os primórdios da civilização, pois jamais houve na história do homem, sociedades sem critério algum, sem códigos de ética, mesmo que rudimentares.

No passado, os códigos se baseavam nas concepções religiosas vigentes, normalmente baseadas em lideranças ou personalidades especiais, dotadas de certas habilidades como os profetas, as pitonisas, os gurus, seres alegadamente portadores de dons especiais, sobrenaturais, que pretendiam ter contato com as divindades.

Na Idade Média, o comportamento dos indivíduos ficou tenazmente atrelado aos códigos religiosos.

Nesse período começou o declínio do poder da religião, porque a conduta daqueles que deveriam ser os responsáveis pelo cumprimento das normas éticas – as lideranças político-religiosas – eram os que mais se comprometiam em fraudá-la (perseguições, torturas, corrupções, assassinatos e guerras patrocinadas pelas Igrejas...).

A moral das religiões instituídas foi intimamente interligada a uma série de costumes externos como as liturgias, os rituais, os sacramentos, as hierarquias despropositadas, baseadas no mote *“faça o que eu digo mas não faça o que eu faço”*.

Surge então, o Renascimento através do movimento das artes, das ciências e das filosofias, procurando desconectar a cultura e a ética do obscuro caminho escolhido pelas religiões. Uma série de livre-pensadores procura imprimir “novos ares” ao pensamento humano. Sem as bases religiosas, removidas pelos intelectuais, criaram-se dificuldades para se restabelecer novos princípios éticos de conduta objetiva. Jogou-se fora toda a liturgia dogmática das Igrejas e, junto a ela, a moral irretocável do cristianismo, perdendo-se valiosa oportunidade de restabelecer a pureza dos ensinamentos do Cristo. Reaparecem inúmeras formas filosóficas de estudo do comportamento humano, algumas com graves comprometimentos em seus aspectos morais, muitas trazendo reflexos negativos até hoje na sociedade.

Aparece o relativismo ético, segundo o qual o que é certo e errado depende do indivíduo, da época, do grupo que pertence e da situação. Essa forma de conduta moral traz desastrosas consequências, provocando verdadeiras distorções no comportamento humano. Nessa teoria não há a formação de uma base racional, pois tudo é justificável e qualquer atitude pode ser considerada certa ou errada de acordo com a situação. Ora, o que é errado hoje, já era errado há centenas ou milhares de anos atrás. Não é a situação que diferencia o que é ético, do não-ético, mas a compreensão desta virtude que aumenta à medida que o ser humano evolui moral e intelectualmente.

Outras filosofias surgiram com propostas opositoras ao relativismo moral, como a racionalista de I. Kant e o utilitarismo com J. Locke. Especialmente a segunda serviu de esteio para o estabelecimento de sistemas sociais mais justos e éticos, dando origem aos diversos códigos vigentes até hoje, como o dos direitos humanos, cartas magnas de diversos países, com ideais de justiça e liberdade. Mesmo nobres, esses sistemas filosóficos, a longo prazo, perderam importância por não terem uma base sólida de experimentação e também por dependerem do pensamento especulativo de seus criadores.

Em meados do século XIX, surge a Doutrina Espírita, trazendo uma valiosa contribuição para o panorama da ética humana.

Construída através de uma pesquisa metodológica científica e não somente da mera especulação racional, comprovou através da mediunidade, a existência e a sobrevivência do Espírito após a morte do corpo físico, trazendo elucidacões, até então inéditas, das consequências das atitudes do ser humano para o futuro, não só no plano físico mas também no extra-físico. Elucida que o indivíduo é responsável pela sua própria conduta, sofrendo as consequências agradáveis ou desagradáveis, de acordo com as suas ações. É a afirmativa de Jesus “a cada um segundo as suas obras” explicada pela Doutrina Espírita como Lei de Causa e Efeito .

O Espiritismo fornece ao homem conhecimento seguro das regras do bem proceder e os porquês de assim se conduzir, indicando o caminho que o levará à harmonização interior, ao equilíbrio, tornando-o um potente colaborador na formação de uma sociedade mais justa e fraterna, fundamentada na observância da lei de Deus, que é a prática do bem em todas as suas formas, segundo um preceito infalível de Jesus (O Livro dos Espíritos, questão 632): “**Vede o que gostaríeis que vos fizessem ou não vos fizessem. Tudo se resume nisso. Não vos enganareis**”.

Luis Roberto Scholl

Fonte de consulta: artigo de Silvio S. Chibeni, *Religião Espírita*, na Revista Reformador de setembro de 1999.

Fonte: searadomestre.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais

No GEEDem VIRTUAL você pode receber passe, assistir palestras e colocar nomes para vibração:



Acesse nossa Caixa de Vibração Virtual:
<https://www.geedem.org.br/vibracao>



Acesse nossa Sala de Passe Virtual:
<https://www.youtube.com/watch?v=HS5079meNRQ>



https://www.youtube.com/playlist?list=PLzuBi_bN-wvcEQ-nQm7ApH0FP3ro-HufbhG



Psicologia Espírita por Joanna de Ângelis



O DESPERTAR DO ESPÍRITO

O homem e a mulher da atualidade, após os grandes e inimagináveis vôos do conhecimento e da tecnologia debatem-se, surpresos, nas águas turvas da inquietação e do sofrimento, constatando que os milênios de cultura e de civilização que lhes alargaram os horizontes do entendimento não lhes solucionaram os grandes desafios da emoção. Há uma imensa defasagem entre o homo tecnologicus e o ser espiritual que se apresenta desequipado de recursos para os grandes enfrentamentos propostos pelos mecanismos das suas próprias construções.

A robotização, a globalização, as programações pelos meandros da Internet, a desumanização dos sentimentos, objetivando a conquista dos patamares do poder, da glória e do prazer, conspiraram dolorosamente contra o ser essencial, que se reveste da estrutura física, afim de desempenhar o ministério da evolução. Como efeito inevitável, há glórias da mente e abismos de sombras do sentimento. O enriquecimento ilícito de uns trabalha em favor do crescimento da miséria de bilhões de criaturas outras que lhes constituem a grande família e permanecem ignoradas. O gozo ensandecido e desgastante através do sexo desvairado, das drogas aditivas, do álcool degradante, do tabagismo assassino, dos vícios de todo porte enlanguescem os sentimentos ou os açulam absurdamente, consumindo as aspirações do bom, do belo e do nobre, que constituem a essencialidade da existência básica.

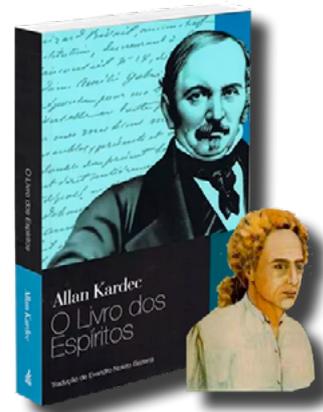
Automatizado pela mídia que o comanda, oferecendo-lhe o tóxico embriagador para os sentidos, o ser quase não tem tempo ou lucidez para pensar na grandeza de que se constitui, perturbado pelas paixões a que se entrega, e que o devoram. Na rampa escorregadia da ilusão, vez que outra tenta segurar-se nas bordas do resvaladouro que o arrasta, raramente conseguindo erguer-se, por encontrar-se dependente e fragilizado para os esforços de crescimento íntimo e valorização de si mesmo.

Acostumou-se a crer que as conquistas profundas são secundárias desde que se possua dinheiro, posição social e poder, elementos básicos para a aquisição do prazer, já que a felicidade não lhe vai além de tudo quanto fere os sentidos e os sacia...

Fonte: O Despertar do Espírito (Joanna de Ângelis - (Psicografia Divaldo P. Franco)

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

O Livro dos Espíritos Sob a Ótica Filosófica de Miramez



“O Livro dos Espíritos é um sinal das leis universais. Quem nele estuda, meditando em seus ensinamentos, e com a ajuda de outros livros que lhe dão sequência, passa a compreender que os sinais são frases e que as frases são forças indicativas para a libertação da alma.

A coleção Filosofia Espírita é um pequeno curso para despertar no estudante valores morais e espirituais. Ele pode abrir caminhos para que a caridade se solidifique nos corações dos leitores, ampliando o saber em seqüência admiráveis.” – Miramez.

O Livro dos Espíritos - Parte segunda Do mundo espírita ou mundo dos Espíritos Capítulo I - Dos Espíritos Forma e Ubiquidade dos Espíritos.

88. Os Espíritos têm forma determinada, limitada e constante?

“Para vós, não; para nós, sim. O Espírito é, se quiserdes, uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea.”

a) — Essa chama ou centelha tem cor?

“Tem uma coloração que, para vós, vai do colorido escuro e opaco a uma cor brilhante, qual a do rubi, conforme o Espírito seja mais ou menos puro.”

Representam-se de ordinário os gênios com uma chama ou estrela na fronte. É uma alegoria, que lembra a natureza essencial dos Espíritos. Colocam-na no alto da cabeça, porque aí está a sede da inteligência.

Comentário de Miramez

Cap. 37 - A Forma dos Espíritos

Muitos intentam saber se os Espíritos têm forma. Preocupam-se com certos detalhes que escapam às suas possibilidades de analisar de sentir. Eles não têm formas da maneira que de uni modo geral se concebe, por viverem em uma faixa diferente da vida física. Se tomarem alguma forma para se fazerem reconhecidos, podem mudar imediatamente, na hora que lhes for conveniente. Sua mente é, pois, uma força poderosa que a tudo transforma, com as bênçãos da sabedoria e do amor, conquistadas através dos evos. Todavia, para Deus, o Espírito tem um esquema, tem uma forma ideada por Ele, imutável na sua constituição divina.

A vida, principalmente do homem, é um eterno perguntar. E quem pergunta é porque desconhece as leis de Deus vigorando no universo grandioso. Nas regiões superiores não se pergunta; há outro, processo de aprendizado, por não existir ignorância, e quando se ouve a fala é a do Mestre, dentro da Sua espontaneidade, de maneira que os que ouvem assimilam o que corresponde às suas necessidades. Há algumas diferenças no que tange aos planos de vida. Certamente que os que vivem em regiões inferiores têm necessidades que são dispensadas nos planos elevados. Porém, todos caminham para a libertação espiritual. Há regiões no espaço em que habitam Espíritos de formas grotescas, que tomam aparências de verdadeiros animais e vivem como tais. Os sentimentos lembram as formas, e eles passam a viver naquele reino por vezes com as necessidades que convêm àquela classe.

A vida nos dá o que pedimos pela vivência, na região em que estagiamos. E os homens na carne não escapam a essa lei. O Espírito animalizado na carne não consegue transformá-la, no entanto, tem as aparências do reino em que vive e pensa. E a luz que nos circunda nos fala quem somos com clareza, pois é do dito evangélico que ninguém engana a Deus. As leis do agem onde quer que seja, com a plenitude da sua força, nos dando de acordo com o que somos e nos fazendo ser o que conquistamos.

A reencarnação é uma bênção para os Espíritos inferiores, que eles próprios desconhecem. A carne é uma esponja absorvente das mazelas, quando isso acontece. A carne é um esconderijo, senão um conforto, para os prisioneiros da consciência. É justo que abençoemos o mundo físico, mormente quando passamos a conhecê-lo na profundidade dos seus objetivos. O corpo humano, para o Espírito, é a bondade de Deus visível aos que não têm olhos para ver o que não se pode ver com os olhos da carne.

Os Espíritos não têm forma, sob o ponto de vista da forma como pensas. No entanto, é uma chama divina, é uma luz, que o dotou de todas as qualidades a serem desabrochadas, de modo a enriquecer a vida, lembrando o seu Criador.

Não devemos parar de pesquisar as belezas espirituais, porém, devemos fazer isso processos ensinados pelo Evangelho, estimulando todas as virtudes no centro do coração, para que essa luz seja um sol a fim de confortar-lhe a consciência.

89. Os Espíritos gastam algum tempo para percorrer o espaço?

“Sim, mas fazem-no com a rapidez do pensamento.”

a) — O pensamento não é a própria alma que se transporta?

“Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também aí está, pois que é a alma quem pensa. O pensamento é um atributo.”

Certamente que o Espírito gasta algum tempo para percorrer distâncias, no entanto, essa velocidade tem variações infinitas, de acordo com a evolução da alma. Existem determinados Espíritos tão materializados, que os seus meios de locomoção são os mesmos dos homens e, por vezes bem piores, bem como há entidades altamente evoluídas, que viajam grandes distâncias com a velocidade do pensamento. Não podemos determinar uma velocidade igual para todos os Espíritos, pois que cada um se encontra em uma faixa evolutiva, considerando que a volitação depende de determinados processos interiores, que cada alma sabe usar para seu proveito próprio e, certamente, em favor dos que carecem dos seus trabalhos espirituais.

Encontramos Espíritos angélicos que escondem sua própria iluminação, para ajudar aos que se encontram nas sombras, sendo que seus poderes internos são os mesmos e podem, pelas forças adquiridas, conduzir muitas entidades, transportando-as das regiões inferiores para as casas de reajustamento espiritual. Em determinados casos, usam meios de locomoção primitiva, desde que achem conveniente tal meio. Igualmente existem aparelhos eletro-magnéticos, no mundo dos Espíritos, que também são usados para esses trabalhos, sendo muito usados em assistência aos que sofrem e em transportes usuais.

Se o Espírito evoluído rasga os espaços e tem a velocidade do pensamento, podemos raciocinar como Deus está em toda parte permanentemente e como Jesus está presente onde alguém se reúne em nome d'Ele, em qualquer lugar da Terra.

O Espírito é uma chama divina, consciente, e o pensamento é seu atributo, cuja força pode levá-lo aonde quer que seja, desde que tenha condições para tais viagens. O universo é uma casa grande, mas nem todos os Espíritos podem andar nos departamentos desta casa de Deus. Existem muitos limites, de acordo com a posição da alma na escala a que pertence. Há muitos Espíritos que, ao desencarnarem, não saem das casas onde viveram como encarnados; outros, ficam ligados aos despojos nos cemitérios, e outros, ainda, ficam perambulando pelas ruas e lugares que se afinizaram com os seus sentimentos. O ódio em demasia faz pesar o corpo espiritual; assim a inveja, o ciúme, a maledicência, o orgulho e o egoísmo, de modo que a volitação fica difícil para essas entidades, e os seus corpos ficam chumbados ao solo terreno.

O pensamento é uma propriedade elástica do Espírito e seus poderes ultrapassam as pálidas deduções dos homens. Dependendo de quem pensa, podem os pensamentos, emitidos em determinados lugares, trazer de volta à mente as imagens e as impressões do ambiente que se deseja e deste modo ficar sabendo o que se passa. A força mental do Espírito superior é como um verdadeiro milagre, sob o comando da sua vontade.

O poder da mente do Espírito puro é sem limites, porém, mesmo dotado de todas essas conquistas, respeita, dentro da ordem do universo, os seus irmãos menores, que estão passando por certos aprendizados, sob o controle da dor. Todavia, há casos em que eles intervêm com a misericórdia de Deus, em nome da mesma lei de justiça, ajudando aos que sofrem, quando a condição do sofredor pede esse amparo, para que possa servir melhor, aproveitando oportunidade difícil de ser granjeada. Os recursos são diversos e Deus é Amor!

90. O Espírito que se transporta de um lugar a outro tem consciência da distância que percorre e dos espaços que atravessa, ou é subitamente transportado ao lugar aonde quer ir?

“Dá-se uma e outra coisa. O Espírito pode perfeitamente, se o quiser, inteirar-se da distância que percorre, mas também essa distância pode desaparecer completamente, dependendo disso da sua vontade, bem como da sua natureza mais ou menos depurada.”

Comentário de Miramez

Cap. 39 - Consciência em Viagem

O melhor sinônimo que se encontra para Espírito é luz. Esta chama de vida pode percorrer distâncias vertiginosas, sem perceber por onde passa, no entanto, se se dispõe a analisar os pormenores dos caminhos, tem capacidade para isso, desde que a sua evolução o permita. Tudo é possível, quando o Espírito tem as condições de pureza espiritual, e é neste sentido que Jesus desceu à Terra, em nome de Deus, deixando o Evangelho como herança e esquema divino, para que pudéssemos conquistar as qualidades de ouro, que são os dons imperecíveis da alma.

O Espírito puro, quando deseja fazer viagens longas no seio do universo, entra em preparo espiritual. Desfaz-se dos invólucros mais grosseiros, aliando-se ao éter cósmico, onde poderá deslizar com uma velocidade que, em se comparando à luz, esta não passa de tartaruga. A mente humana não tem condições de analisar tal velocidade. Mas ele nunca faz tais viagens por distração: sempre a serviço do bem comum de todas as criaturas, ou em alto aprendizado espiritual. Se deseja observar as belezas universais, pode fazê-lo; senão, a sua mente poderosa o levará ao lugar idealizado, como se estivesse meditando, sem perceber a grande viagem.

Os Espíritos em viagens interplanetárias sempre as fazem em grupos afins. O mesmo se dá com os homens em viagens na Terra: gostam de fazê-las em companhia de colegas com eles afinizados. Não obstante, se na Terra há inúmeras dificuldades para grandes viagens, estas também existem no mundo espiritual, e com maiores problemas: não pode faltar harmonia no que tange à mente de cada ser.

A desarmonia mental pode levá-los a ambientes desequilibrados, desviando-os das rotas desejadas. Em muitos casos, os benfeitores espirituais costumam levar os seus tutelados em certas viagens, quando estes atendem todas as normas dos seus guias espirituais. Isso sempre acontece, favorecendo ao aprendizado dos discípulos. Na verdade, são experiências deslumbrantes, sendo que todo esforço por parte do candidato para merecê-las ainda é muito pouco em relação às belezas do universo, que encantam e instruem, a nos mostrar o Criador palpitando em tudo que tocamos e presenciamos.

Quantas civilizações existem em uma só galáxia? Muitas e muitas, com diferenciações enormes, a nos mostrar como Deus gosta das variedades: há mundos e mundos com cambiantes diversos e policromia exuberante. A forma humana não é uma só, como a que existe na Terra; também é variável. A beleza é o porte elevado dos mundos superiores, sendo a simplicidade a tônica nas casas planetárias de escala superior.

A Terra ainda está classificada entre os mundos inferiores, pelos sentimentos inferiores dos homens. O homem, em geral, é belicoso. As guerras são quistos encravados no planeta em que mora, no entanto, são reflexos dos pensamentos da própria humanidade. O Cristo, podemos dizer, foi um sol que despontou nas sombras do mundo, para libertar os homens de todas as calamidades, mas eles ainda não entenderam o Seu verdadeiro amor para com seus destinos. Ele deixou os recursos para banirmos o monstro das incompreensões e fazermos desaparecer o ódio de todos os povos: o Evangelho, como facho de luz. E os homens ainda não entenderam o objetivo desse legado santo, com a força da santidade de Deus. Aquele que viver os preceitos do Senhor, poderá viajar em todas as direções do universo sem, contudo, sair do corpo, gozando a felicidade do seu íntimo.

91. A matéria opõe obstáculo ao Espírito?

“Nenhum; eles passam através de tudo. O ar, a terra, as águas e até mesmo o fogo lhes são igualmente acessíveis.”

Comentário de Miramez

Cap. 40 - O Espírito Perante a Matéria

Quando falamos de Espírito, procuramos mostrar seus atributos valiosos, para que se possa sentir a diferença da matéria propriamente dita, em relação à chama divina dotada de consciência. Questionados se a matéria opõe obstáculos ao Espírito, os espíritos responderam com clareza: não. Certamente que o Espírito é livre, que matéria nenhuma opõe obstáculos a ele, no entanto, é bom que compreendamos que estamos tratando do Espírito superior que, pela sua elevação, domina todos os obstáculos físicos. No que tange aos Espíritos inferiores, a matéria pode ser obstáculo incalculável para eles, por se encontrarem materializados e, certamente, sem condições de atravessá-la, como os Espíritos puros, ou mais ou menos evoluídos.

O Espírito mais grosseiro se reveste de um perispírito compatível com o seu estado evolutivo, e ao passar pelo fogo pode-se queimar, e em certos casos, ao entrar nas águas, dificilmente se sentir bem. As próprias paredes lhes servem de obstáculos. A chave da sua liberdade está na mente, ligada à emotividade: enquanto desconhecer esse poder grandioso, sofrerá muitas conseqüências, oriundas da ignorância.

Estamos no século do mentalismo e é por este motivo que quase todas as nossas mensagens lembram a educação da mente. No mundo espiritual, em todas as casas de adestramento das almas, se estuda o poder da mente, e como aplicar esses valores diante da vida. Os Espíritos Superiores têm a consciência imperturbável e é esse o caminho que deveremos trilhar: estudar e praticar todos os meios lícitos, para nos libertarmos dos obstáculos que nós mesmos criamos por desconhecermos a verdade. O Cristo é o ponto alto da nossa educação. Se nos apegarmos a Ele, o tempo será aproveitado e passaremos a compreender o modo pelo qual devemos aplicar os nossos dons espirituais, em favor da nossa paz e da paz dos nossos semelhantes.

Para o Espírito primitivo, quase tudo serve de obstáculos, por vezes até o próprio ar, as tempestades, e mesmo o sol e a chuva. Todavia, o Espírito superior aprendeu a dominar certos obstáculos e continua estudando em busca da sua definitiva libertação, tornando-se cidadão universal. Alguns dos nossos relatos por intermédio da mediunidade, podem parecer contos ilusórios, para quem se encontra na carne, sem domínio nenhum sobre a matéria, mas, raciocinando com uma razão mais apurada, se notará o campo em que atuamos, chegando à conclusão de que certamente podemos fazer o que fazemos. É o que temos falado em nossos escritos, sobre o domínio que temos sobre a matéria que envolve os encarnados na Terra.

A obsessão é um caso típico do que falamos. São Espíritos ligados um ao outro, sem o poder de se livrarem. É a lei de atração em plena concordância; é matéria prendendo Espírito e Espírito ligado à matéria. Quando passarem a conhecer a verdade, eles se libertarão um do outro, pelos processos ensinados por Jesus. A matéria é, pois, o primeiro degrau para a ascensão do Espírito, mas, não se deve apegar a ela, porque tanto ela solta como prende a alma, nas condições que desejar. A matéria não opõe obstáculos ao Espírito, porém, é necessário que este alcance, ou comece a alcançar, a sua libertação, pelo conhecimento da verdade.

92. Têm os Espíritos o dom da ubiquidade? Por outras palavras: um Espírito pode dividir-se, ou existir em muitos pontos ao mesmo tempo?

“Não pode haver divisão de um mesmo Espírito; mas cada um é um centro que irradia para diversos lados. Isso é que faz parecer estar um Espírito em muitos lugares ao mesmo tempo. Vês o Sol? É um somente. No entanto, irradia em todos os sentidos e leva muito longe os seus raios. Contudo, não se divide.”

a) — Todos os Espíritos irradiam com igual força?

“Longe disso. Essa força depende do grau de pureza de cada um.”

Cada Espírito é uma unidade indivisível, mas cada um pode lançar seus pensamentos para diversos lados, sem que se fracione para tal efeito. Nesse sentido unicamente é que se deve entender o dom da ubiquidade atribuído aos Espíritos. Dá-se com eles o que se dá com uma centelha, que projeta longe a sua claridade e pode ser percebida de todos os pontos do horizonte; ou, ainda, o que se dá com um homem que, sem mudar de lugar e sem se fracionar, transmite ordens, sinais e movimento a diferentes pontos.

Comentário de Miramez

Cap. 41 - Ubiquidade

Falamos que o Espírito é uma luz, por não encontrarmos termos mais adequados que possam retratar com fidelidade seu porte espiritual. Pode-se dizer que a luz é seu atributo, pois sai do seu ser e irradia qual o sol o faz. Pode ser estudada e analisada em laboratórios, se estes estiverem capacitados para tal empenho. O futuro vai mostrar que essa luz é uma energia divina, na dimensão que, por enquanto, escapa à análise humana.

O Espírito não se divide; quando, por vezes, aparece em vários lugares diferentes; o que chamam de ubiqüidade, é seu poder de irradiação que pode tanto transmitir anúncios - como no caso de mensagens para os sensitivos - como suas próprias imagens, apresentando-se em muitos lugares ao mesmo tempo. Pelas coisas materiais pode-se analisar as espirituais, mesmo que as comparações sejam pálidas. É o caso da televisão: pode-se projetar a imagem de um homem ou um fato em todas as direções, sendo vistos em vários lugares no mesmo instante. E o poder do Espírito? É bem maior que o dos aparelhos feitos pelos homens. Certamente que pode acontecer com maior evidência. O Cristo pode aparecer nos lugares que desejar na Terra no mesmo instante, a todas as pessoas que achar conveniente, pelo poder da Sua mente, e transmitir mensagens diferentes para cada pessoa ou agrupamentos. Ele é o dirigente máximo de toda a Terra, conhecedor da ciência divina e pode usá-la quando Lhe aprouver.

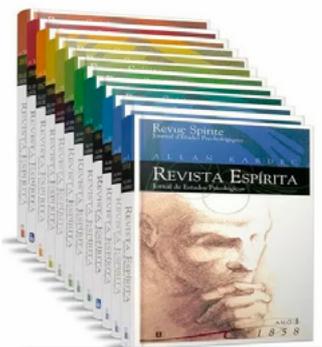
Há alguns espiritualistas que compreendem esse fenômeno como divisão do Espírito. Estão enganados; o Espírito é indivisível, contudo, tem o poder de irradiação em todos os sentidos, sendo que cada um arregimenta forças diferentes, de acordo com a sua elevação espiritual. O professor que se chama Tempo pede que esperemos no espaço, a maturidade. Enquanto usarmos o raciocínio, a compreensão desta verdade escapará ao nosso entendimento. Esperemos que outros dons possam surgir para nossa maior capacidade moral e intelectual, e que o Espírito atinja maior dimensão de entender sem pesquisar, de sentir por maturidade e de conservar a pureza mental com maturidade.

Os poderes do Espírito superior ultrapassam todas as somas de valores reduzidos, alcançados pelos homens. O homem encarnado vive encarcerado e, mesmo sendo Espírito evoluído, se encontra tolhido na manifestação dos seus próprios valores, como encontra dificuldades de analisar e registrar os fatos, mesmo com os seus dons, ao contrário do Espírito na sua liberdade, sem o fardo de carne, que pode fazê-lo de forma total. São dois estágios bastante diferentes um do outro, e para que não haja um choque maior no desenlace, ao se passar de uma dimensão para outra, a Doutrina dos Espíritos vem preparando, ensinando as primeiras letras do alfabeto espiritual, para que se possa sentir mais segurança e maior fé, no momento em que se deverá passar pela porta estreita e ver a Luz com maior beleza, ver surgir as promessas da ressurreição, que é encontrar a si mesmo, sob a luz da Verdade.

Ainda temos muito que aprender acerca dos poderes espirituais, mas é bom que comecemos onde nos encontramos, porque Deus está presente em toda parte, e para encontrá-Lo basta querer, entrando assim em condições de aprender com Ele. E os melhores processos são os ensinados por Jesus Cristo.

Fonte: O Livro dos Espíritos | Filosofia Espírita Vol. II

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Instruindo-se com a Revista Espírita

Textos extraídos da Revista Espírita, para um conhecimento mais aprofundado do trabalho de Kardec e das comunicações espirituais ou, como ele mesmo o disse, servir de complemento da Codificação.

1868 » Junho FOTOGRAFIA DO PENSAMENTO

Ligando-se o fenômeno da fotografia do pensamento ao das criações fluídicas, descrito em nosso livro A Gênese, no capítulo dos fluidos, reproduzimos, para maior clareza, a passagem desse capítulo onde o assunto é tratado, e o completamos com novas observações.

Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, a bem dizer, a atmosfera dos seres espirituais; são o elemento onde eles colhem os materiais com que operam; são o meio onde se passam os fenômenos especiais, perceptíveis à vista e ao ouvido do Espírito, e que escapam aos sentidos carnis, impressionados só pela matéria tangível, onde se forma a luz peculiar ao mundo espiritual, diferente da luz ordinária, por sua causa e por seus efeitos; são, enfim, o veículo do pensamento, como o ar e o veículo do som.

Os Espíritos agem sobre os fluidos espirituais, não os manipulando, como o homem manipula os gases, mas com o auxílio do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem a esses fluidos tal ou qual direção; aglomeram-nos, combinam-nos e os dispersam; com eles formam conjuntos, tendo uma aparência, uma forma, uma cor determinadas; eles mudam as suas propriedades, como o químico muda as dos gases e de outros corpos, combinando-as segundo certas leis. É o grande atelier ou o laboratório da vida espiritual.

Por vezes essas transformações são o resultado de uma intenção; muitas vezes são o produto de um pensamento inconsciente. Basta ao Espírito pensar em uma coisa para que essa coisa se produza, como basta modular uma área para que essa área repercuta na atmosfera.

É assim, por exemplo, que um Espírito se apresenta à vista de um encarnado dotado de visão psíquica, sob a aparência que ele tinha quando vivo, na época em que o conheceram, embora depois tivesse tido várias encarnações. Ele se apresenta com a vestimenta, os sinais exteriores, enfermidades, cicatrizes, membros amputados etc. que tinha então; um decapitado apresentar-se-á sem a cabeça. Isto não quer dizer que tenha conservado estas aparências. Certamente não, porque, como Espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem caolho, nem decapitado, mas seu pensamento, reportando-se à época em que ele era assim, seu perispírito toma instantaneamente as aparências, que ele deixa instantaneamente, a partir do momento que o pensamento deixa de agir. Se, pois, uma vez ele foi negro e outra vez foi branco, apresentar-se-á como negro ou como branco, conforme aquela das duas encarnações sob a qual for evocado, e à qual se reportará seu pensamento.

Por um efeito análogo, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos de que tinha o hábito de se servir: um avaro manipulará o ouro; um militar terá as suas armas e o seu uniforme; um fumante, o seu cachimbo; um lavrador, a sua charrua e os bois; uma velha, a sua roca. Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito, que é, ele próprio, fluídico, quanto eram materiais para o homem vivo; mas, pelo simples fato de eles serem criados pelo pensamento, sua existência é tão fugaz quanto o pensamento.

Sendo os fluidos o veículo do pensamento, eles nos trazem o pensamento como o ar nos traz o som. Podemos dizer, portanto, a bem da verdade, que há nesses fluidos ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundir, como há no ar ondas e raios sonoros.

Como se vê, é uma ordem de fatos inteiramente novos que se passam fora do mundo tangível, e constituem, se assim se pode dizer, a física e a química especiais do mundo invisível.

Mas como, durante a encarnação, o princípio espiritual está unido ao princípio material, daí ressalta que certos fenômenos do mundo espiritual se produzam conjuntamente com os do mundo material e são inexplicáveis por quem quer que não conheça as suas leis. O conhecimento dessas leis é, pois, tão útil aos encarnados quanto aos desencarnados, porquanto só ele pode explicar certos fatos da vida material.

Criando imagens fluídicas, o pensamento se reflete no envoltório perispiritual como num espelho, ou ainda como essas imagens de objetos terrestres que se refletem nos vapores do ar. Ele aí toma um corpo e de certo modo se fotografa. Se um homem, por exemplo, tiver a ideia de matar outro, por impassível que esteja o seu corpo material, seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento, do qual reproduz todas as nuances; ele executa fluidicamente o gesto, o ato que tem o desígnio de realizar; seu pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira se pinta, como num quadro, tal qual está em seu espírito.

É assim que os movimentos mais secretos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma, encarnada ou desencarnada, pode ler em outra alma como num livro, e ver o que não é perceptível pelos olhos do corpo. Os olhos do corpo veem as impressões interiores que se refletem nos traços do rosto: a cólera, a alegria, a tristeza, mas a alma vê nos traços da alma os pensamentos que não se traduzem no exterior.

Contudo, conforme a intenção, o vidente bem pode pressentir a realização do ato que será a sua consequência, mas não pode determinar o momento em que se realizará, nem precisar os detalhes, nem mesmo afirmar que ele se realizará, porque circunstâncias ulteriores podem modificar os planos preparados e mudar as disposições. Ele não pode ver o que ainda não está no pensamento; o que ele vê é a preocupação do momento, ou habitual, do indivíduo, os seus desejos, os seus projetos, as suas boas ou más intenções. Daí os erros nas previsões de certos videntes, quando um acontecimento está subordinado ao livre-arbítrio de um homem. Eles não podem senão pressentir a sua probabilidade, conforme o pensamento que veem, mas não podem afirmar que ocorrerá de tal maneira, nem em tal momento. A maior ou menor exatidão nas previsões depende, além disso, da extensão e da clareza da visão psíquica.

Em certos indivíduos, Espíritos ou encarnados, ela é difusa ou limitada a um ponto, ao passo que em outros é clara e abarca o conjunto dos pensamentos e das vontades que devem concorrer à realização de um fato; mas, acima de tudo, há sempre a vontade superior, que pode, na sua sabedoria, permitir uma revelação ou impedi-la. Neste último caso, um véu impenetrável é lançado sobre a mais perspicaz visão psíquica. (Vide A Gênese, capítulo da *Presciência*).

A teoria das criações fluídicas, e, por consequência, da fotografia do pensamento, é uma conquista do Espiritismo moderno, e de agora em diante pode ser considerada como adquirida em princípio, salvo as aplicações de detalhe, que são resultado da observação. Esse fenômeno é incontestavelmente a fonte das visões fantásticas, e deve representar um grande papel em certos sonhos.

Pensamos que aí pode ser encontrada a explicação da mediunidade pelo copo d'água ([Ver o artigo precedente](#)). Considerando-se que o objeto que se vê não pode estar no copo, a água deve fazer o papel de um espelho, que reflete a imagem criada pelo pensamento do Espírito. Essa imagem pode ser a reprodução de uma coisa real, como a de uma criação de fantasia. Em todo caso, o copo d'água não é senão um meio de reproduzi-la, mas não é o único, como o prova a diversidade dos processos empregados por alguns videntes. Este talvez convenha melhor a certas organizações.

Fonte: Revista Espírita Junho/1868

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

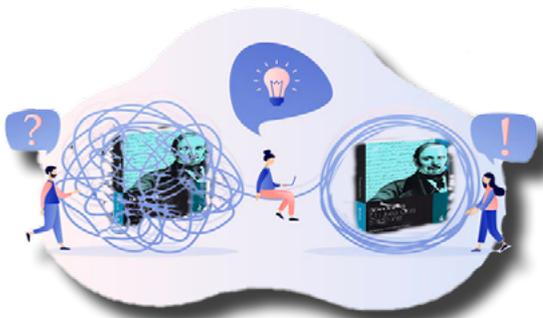
A prece mais agradável a Deus: O Livro dos Espíritos, questões 658 e 662

658. Agrada a Deus a prece?

“A prece é sempre agradável a Deus, quando ditada pelo coração, pois, para ele, a intenção é tudo. Assim, preferível lhe é a prece do íntimo à prece lida, por muito bela que seja, se for lida mais com os lábios do que com o coração. Agrada-lhe a prece, quando dita com fé, com fervor e sinceridade. Mas, não creiais que o toque a do homem fútil, orgulhoso e egoísta, a menos que signifique, de sua parte, um ato de sincero arrependimento e de verdadeira humildade.”

662. Pode-se, com utilidade, orar por outrem?

“O Espírito de quem ora atua pela sua vontade de praticar o bem. Atrai a si, mediante a prece, os bons Espíritos e estes se associam ao bem que deseje fazer.” O pensamento e a vontade representam em nós um poder de ação que alcança muito além dos limites da nossa esfera corporal. A prece que fazemos por outrem é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar, em auxílio daquele por quem oramos, os bons Espíritos, que lhe virão sugerir bons pensamentos e dar a força de que necessitem seu corpo e sua alma. Mas, ainda aqui, a prece do coração é tudo, a dos lábios nada vale.



Desvendando o Evangelho Segundo o Espiritismo

Lançada em 15 de abril de 1864, esta terceira obra básica da codificação espírita aborda os chamados evangelhos canônicos sob a ótica do espiritismo. Não se trata de uma "bíblia espírita" ou mesmo de reinterpretação doutrinária deste livro. Sua introdução define seu objetivo: abordar exclusivamente o ensinamento moral do evangelho, pois esse código divino "é, acima de tudo, o caminho infalível da felicidade esperada". Baseado em instruções dos espíritos superiores, Allan Kardec se empenha em extrair dos evangelhos princípios universais de ordem ético moral e demonstrar sua consonância com aqueles defendidos pelo espiritismo. Composto de 28 capítulos, 27 dos quais dedicados às explicações das máximas de Jesus, O Evangelho Segundo o Espiritismo restabelece os ensinamentos do Mestre Nazareno em seu verdadeiro sentido – em espírito e verdade –, e torna-se leitura obrigatória a todos que se preocupam com a formação moral, não importando sua crença religiosa.

Capítulo XXIV: Não pôr a candeia debaixo do alqueire Itens 3 a 7: PORQUE FALA JESUS POR PARÁBOLAS

"E chegando-se a ele os discípulos lhe disseram: por que razão lhes fala tu por parábolas? Ele, respondendo, lhes disse: Porque a vós outros, vos é dado saber os mistérios do Reino dos Céus, mas a eles não lhes é concedido porque ao que tem, se lhe dará, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Por isso é que eu lhes falo em parábolas; porque eles vendo, não veem, e ouvindo não ouvem, nem entendem. De sorte que neles se cumpre a profecia de Isaías, que diz: Vós ouvireis com os ouvidos, e não entendereis; e vereis com os olhos, e não vereis. Porque o coração deste povo se fez pesado, e os seus ouvidos se fizeram tardos, e eles fecharam os seus olhos; para não suceder que vejam com os olhos, e ouçam com os ouvidos, e entendam no coração, e se convertam, e eu os sare." (Mateus, XIII: 10 a 15.)

Jesus sabia que poucos estavam em condições espirituais de entender seus ensinamentos, mas sabia que aquele era o momento de trazer seus ensinamentos, pela situação transitória de evolução que estava se processando no mundo de então.

O paganismo já em decadência era estimulado e mantido para manter os privilégios e o domínio dos poderosos sobre os povos.

Jesus veio no seio do único povo que mantivera a crença em um Deus único, onde encontraria pessoas que o seguiriam, sabendo que seus ensinamentos dali se espalhariam para os demais, como de fato aconteceu.

Por isso, ele responde aos seus discípulos que falava ao povo através de parábolas, e a eles dava maiores explicações. *“porque eles (os demais) não estão em condições de compreender certas coisas; eles veem, olham, ouvem, e não compreendem; assim, dizer-lhes tudo, ao menos agora, seria inútil; mas a vós o digo porque já vos é dado compreender esses mistérios”*, conforme Kardec, com seu bom senso, interpreta as palavras de Jesus.

Jesus demonstra assim, porque é considerado O Mestre Maior, ensinando conforme a capacidade intelectual de seus alunos, através de métodos adequados.

Por isso, *“Ao que tem se lhe dará e terá em abundância.”*

Aos que tinham amadurecimento intelectual e moral, que estavam mais preparados, deu-lhes mais, aos que tinham menos bagagem espiritual, deixou as alegorias simples, fáceis de guardar, cujos ensinamentos seriam desvelados na medida do desenvolvimento espiritual de cada um.

“Todo ensinamento deve ser proporcional à inteligência de quem o recebe” “e há pessoas que uma luz muito viva pode ofuscar.”

Assim como a sementeira fora da época não produz, as verdades físicas e morais vão surgindo segundo o desenvolvimento espiritual dos homens, os quais, já preparados, buscam descobrir. Usam da inteligência e sensibilidade, em pesquisas, observações e experimentações, e as descobrem.

“É então que não se deve pôr a candeia debaixo do alqueire, pois, sem a luz da razão, a fé se enfraquece.”

Não seguem esse ensino de Jesus, colocando a luz sob o candeeiro, os que escondem a verdade para manter seus privilégios e o domínio sobre seus adeptos.

Ao lado das parábolas, Jesus deixou bem claro que a caridade, a humildade, o amor ao próximo, constituem a condição essencial para a conquista do Reino de Deus, que se traduz na paz e felicidade dos seus filhos, e esse conhecimento, a essência de sua doutrina, está ao alcance de todos, independentemente, da filosofia e da religião seguida. É nessa regra de conduta que todos os homens podem igualar-se, irmanar-se e serem felizes.

Com o avanço da inteligência e da ciência, que ninguém pode impedir, muitos se afastaram da fé religiosa, o que Jesus também sabia que iria acontecer, como demonstram suas palavras de enviar outro Consolador, que viria lembrar o que ele havia dito e ensinar novas coisas.

Assim, o Espiritismo veio no século XIX, retirar o véu dos ensinamentos não entendidos, ou mal interpretados, ou esquecidos, demonstrando a realidade do mundo

espiritual, suas leis, seus habitantes, esclarecendo ensinamentos ditos por Jesus, de forma velada ou indireta, fazendo a ligação da religião com a ciência.

Mas o faz, também, com prudência, com revelações espirituais, aprofundando pontos da doutrina, na medida da ampliação do entendimento das coisas espirituais dos homens, que “exige um certo grau de sensibilidade, que podemos chamar de maturidade do senso moral, maturidade essa independente da idade e do grau de instrução, porque é inerente ao desenvolvimento, num sentido especial, do espírito encarnado.” *

Assim, o Espiritismo não coloca a candeia debaixo do alqueire, não possui mistérios reservados aos privilegiados, mas os Espíritos “dão a cada ideia o tempo de amadurecer, e se propagar, antes de apresentarem outra, e aos acontecimentos, o tempo de lhes preparar a aceitação.”

*- Kardec, Allan: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 4, 3º parágrafo.

Leda de Almeida Rezende Ebner

Fonte: cebatuira.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Ciência e Espiritismo

“O Espiritismo e a Ciência se complementam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação.

(Allan Kardec- A Gênese Cap. I - item 16)

TRANSGÊNICOS, CLONAGEM E GENÉTICA À LUZ DO ESPIRITISMO

Será contrário à lei da Natureza o aperfeiçoamento das raças animais e vegetais pela Ciência? Seria mais conforme a essa lei deixar que as coisas seguissem seu curso normal?

“Tudo se deve fazer para chegar à perfeição e o próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para atingir seus fins. Sendo a perfeição a meta para que tende a Natureza, favorecer essa perfeição é corresponder às vistas de Deus.”

a) Mas, geralmente, os esforços que o homem emprega para conseguir a melhoria das raças nascem de um sentimento pessoal e não objetivam senão o acréscimo de seus gozos. Isto não lhe diminui o mérito?

“Que importa seja nulo o seu merecimento, desde que o progresso se realize? Cabe-lhe tornar meritório, pela intenção, o seu trabalho. Demais, mediante esse trabalho, ele exercita e desenvolve a inteligência e sob este aspecto é que maior proveito tira.” (LE, Q. 692)^[1]

Nas últimas décadas a Humanidade acompanhou atônita os inúmeros progressos realizados no campo da Genética e suas conseqüentes aplicações em vários departamentos da vida no Planeta. A Genética é o *“ramo da Biologia que estuda as leis da transmissão dos caracteres hereditários nos indivíduos, e as propriedades das partículas que asseguram essa transmissão”* ^[2]. Tais partículas são os cromossomos (em número de 46 na espécie humana), constituídos de genes (estima-se que existem mais de 100 milhões, no homem), que por sua vez são estruturados a partir de moléculas orgânicas (proteínas), formadas de átomos (principalmente Carbono, Hidrogênio e Oxigênio).

Palavras como “gene”, “mutação genética”, “clonagem”, “alimentos transgênicos”, “Engenharia Genética”, “Biotecnologia”, dentre outras, antes restritas aos ambientes acadêmicos ou de pesquisa científica, ganharam domínio público, apesar de nem sempre seus empregos denotarem conhecimento acerca de seus significados. Nunca se avançou tanto na compreensão e capacidade de manipulação dos mecanismos responsáveis pela organização dos seres vivos no Planeta... Juntamente com o domínio do conhecimento advindo com a Genética, hoje é possível a clonagem de animais (geração de uma cópia a partir de uma célula adulta do animal), obtenção de espécies vegetais mais nutritivas ou resistentes a determinadas pragas e doenças, melhoramento genético de animais a fim de obter indivíduos com determinadas características (frango com mais carne no peito ou “chester”, espécies bovinas precoces, etc.), para citar apenas algumas conquistas, sendo previstas para os próximos anos o completo seqüenciamento dos genes humanos (Projeto Genoma), e a cura para inúmeras doenças de cunho hereditário, ou genético.

Frente a este “Admirável Mundo Novo” que nos é descortinado pelo saber, o que a Doutrina Espírita tem a nos falar? Lembremos que não é tarefa do Espiritismo competir com as ciências humanas, mas, sendo este uma síntese do conhecimento moral humano, compete-lhe promover uma reflexão acerca dos acontecimentos que nos rodeiam e também acerca dos rumos do futuro. A função do Espiritismo é dar suportes para uma análise crítica dos fatos que nos são apresentados no dia a dia pela mídia e realizar um debate acerca das suas conseqüências éticas e morais.

Através da pergunta de O Livro dos Espíritos que transcrevemos no início deste artigo, percebemos facilmente que **compete ao ser humano auxiliar na Obra da Criação, agindo como Co-Criador em plano menor**, na feliz expressão de André Luiz ^[3].

A fim de assumir as futuras funções de “mensageiros e ministros de Deus, cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal” (LE, Q. 113), entendendo que tais funções envolvem a criação contínua, manutenção e aprimoramento da vida, nos planos material e espiritual e que são executadas pelos Espíritos Puros, necessitamos ensaiar em etapas anteriores, através de funções mais simples, as futuras responsabilidades que nos serão apresentadas. Obviamente, que o aprendizado é paulatino (e envolve além do conhecimento, o aprimoramento moral) e há uma grande distância entre o nosso estágio atual e o futuro estágio de Espíritos Puros que inevitavelmente alcançaremos, já que o único determinismo que existe no Universo, segundo a visão espírita, é o da Perfeição, que estamos todos destinados, afinal, “*todos se tornarão perfeitos*” (LE, Q. 116).

Realizando uma análise na História da Humanidade percebemos que percorremos algumas etapas distintas, com relação à nossa capacidade de influir no aperfeiçoamento do Planeta:

1a Fase - Observação: O homem era um espectador da Natureza e era completamente submisso aos seus fenômenos; por não compreendê-los, temia-os. Corresponde às etapas iniciais da Espécie Humana, quando esta se limitava a caçar, colher frutos, escolher uma boa caverna para morar, etc.

2a Fase - Manipulação da Matéria Grosseira: Através do aprendizado efetuado na etapa anterior, da observação, o Homem começa a manipular o solo para construir moradias mais confortáveis; manipula os metais, através da metalurgia, para construir utensílios e armas; manipula as reações químicas para produzir inúmeros produtos químicos. Esta fase vai do domínio do Fogo, até o domínio das forças atômicas, pela desintegração nuclear, limite da matéria, nos moldes que a percebemos.

3a Fase - Manipulação da Vida Orgânica: Estaríamos vivendo os primórdios desta era, na qual aprenderemos a manipular os segredos da vida orgânica no Planeta. Com o aprendizado realizado nas etapas anteriores, agora o ser humano se ensaia para criar corpos. Veja que não estamos falando de criar a vida, pois a manipulação da vida orgânica envolveria apenas os corpos e não os espíritos. Segundo a Doutrina Espírita, a vida no planeta se dá pela interação entre o elemento espiritual (espírito) e o material (corpo físico). Nesta 3ª Fase, o homem estaria aprendendo a manipular apenas um dos componentes da vida, ou seja, aquele que pertence à matéria. Talvez pertencerá a etapas futuras, o aprendizado acerca das origens do elemento espiritual!

Paralela aos desenvolvimentos científicos, há uma discussão ética que necessita ser feita, e perpassa por questões tais como: *Quais os interesses econômicos que estão impulsionando os recentes avanços?*

Que será feito do conhecimento advindo com estes avanços? Este conhecimento estará a serviço da melhoria das condições de vida no Planeta para todos, ou disponível apenas a uma pequena parcela? Quais as ideologias presentes em todos estes avanços? Pensamos que perguntas acerca das finalidades dos avanços, do egoísmo (ou outras paixões) presente naqueles que querem o conhecimento para aumentar seus gozos, dentre outras, estão já respondidas na Questão 692 de O Livro dos Espíritos.

Percebemos assim que a Doutrina Espírita, apesar de codificada em uma época na qual a Genética ainda nem existia (as Leis de Mendel, consideradas o marco inicial da Genética, foram publicadas em 1866), permanece atual na sua tarefa de esclarecer, instruir e consolar o homem, mostrando sempre a capacidade de responder novas questões que vão surgindo com os avanços da ciência humana, que ainda é um pálido reflexo da Ciência Divina.

Referências Bibliográficas:

[1] KARDEC, ALLAN. O Livro dos Espíritos. Questão no. 692. 67a Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

[2] FERREIRA, AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

[3] LUIZ, ANDRÉ. Evolução em Dois Mundos. Psicografia de F. C. Xavier e Waldo Vieira. Pág. 23. 10a Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

Fonte: espiritualidades.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Evangelho no Lar



O Estudo do Evangelho no Lar é uma reunião em família, num determinado dia e horário da semana, para uma leitura e troca de ideias sobre os ensinamentos cristãos, em proveito do nosso próprio esclarecimento e do equilíbrio no lar. Momento que nos permite elevar nossos pensamentos e sentimentos, favorecendo assim a assistência dos Mensageiros do Bem.

Músicas para Evangelho no Lar: https://www.youtube.com/playlist?list=PLzuBibNwvcF6UmbKaPwyJ9BCGFvi3C_a



Faça o download do folder do Evangelho no Lar do GEEDEM aqui:

https://www.geedem.org.br/files/ugd/e8d4a7_dfb-



Apronfundando o Conhecimento das Leis Divinas

O objetivo desta coluna é ressaltar a importância do estudo e conhecimento das leis naturais ou divinas. O tema é tão vasto e valioso que sempre se poderá falar dessas leis, inesgotáveis em sua fonte de ensinamentos.

Suas sublimes lições à vida do transeunte na jornada terrena são repletas de preciosas instruções, merecedoras de reflexão e esforço para vivência cotidiana.

SOBRE A LEI NATURAL E A LEI DE ADORAÇÃO

Na Lei de Adoração, o “Amar a Deus” levou Allan Kardec a estudar o nosso contato com Deus. E, de forma esclarecedora, as perguntas que ele compilou receberam dos Espíritos Superiores respostas que não relacionam a adoração a qualquer manifestação exterior.

É “O livro dos Espíritos”, como sabido, um repositório de conhecimentos sobre a vida ainda a ser profundamente explorado. A par de tocar nas questões da Criação e de nossa fase livre, enquanto desencarnados, trata amplamente das questões do relacionamento entre nós e o Criador, e com os demais, os ‘próximos’.

O que é esse ‘Criador’, no conceito espírita? Aparece inteiro nesse livro? Como nos relacionarmos com ele – ou há como nos relacionarmos?

Ao apresentar como primeira questão “O que é Deus?”, o professor Rivail, nosso Allan Kardec, pedagogicamente inicia a aula pelo mais básico, pois falar da existência espiritual exige que comecemos por seu surgimento e, portanto, por aquele que lhe (nos) deu origem. E a resposta dos Espíritos é muito esclarecedora, mas ao mesmo tempo aberta: sendo inteligência suprema e causa primária, Deus não é um ser como nós, nada tem de antropomórfico; e, também, não define o que Ele é, pois inteligência e causa são conceitos abstratos, portanto. E as questões seguintes reforçam essa situação, pois as tentativas de Allan Kardec de melhor defini-Lo resultam em mais limitações (de nossa parte) para apreendermos suas características – no máximo sabemos o que Ele não é, e algumas coisas que Ele deve ser – e ‘Ele’, aqui, é apenas uma forma de nos referirmos a esse Criador, por falta de uma expressão mais própria.

Ao tratar, no primeiro capítulo da Parte Terceira da obra em comento, da Lei Natural, entendemos que tal se refere a todas as leis ditas como da Natureza material, e acrescidas das que regem as relações entre os seres e para com o Criador. E um aspecto importante é o que aparece na questão 619, “*A todos os homens facultou Deus os meios de conhecerem sua lei?*”, a que as Inteligências Superiores responderam: “*Todos podem conhecê-la, mas nem todos a compreendem. Os homens de bem e os que se decidem a investigá-la são os que melhor a compreendem. Todos, entretanto, a compreenderão um dia, porquanto forçoso é que o progresso se efetue.*” Qual a implicação disto com o que vivemos na Terra, atualmente? O Espiritismo nos auxilia nessa vida cotidiana?

São muitos os que se denominam sábios, em vários campos do conhecimento. Como nas disciplinas materiais, em que a exploração do espaço interplanetário e da intimidade da matéria, consumindo até vidas inteiras, alcança novas fronteiras, mas nem sempre resultam em sucesso. Assim, nas disciplinas morais, estão os seres falíveis (nós) que, muitas vezes, se revestem de santidade e cometem graves erros por pretender ‘dar passos mais amplos que nossas pernas’. E isto, simplesmente, por não observar a limitação em compreender a Lei Natural.

Mas, afinal, onde está a ‘chave’ para essa compreensão? Dizem-nos os espíritos que essa lei está escrita “na consciência” de cada um (questão 621), e que nossa ligação à materialidade é que obstrui o nosso entendimento, força de nossos orgulho e egoísmo, pelo que fazemos pouco caso do sentimento interior que nos levaria a expressar compaixão pelo companheiro de jornada terrena. Surgem daí todas as mazelas sociais, desde a miséria a que lançamos muitos, até as guerras, em que, ao final, só restam destruição e tristeza. A estreiteza de vista que ainda nos caracteriza dificulta perceber o quanto ganharíamos se, ao invés de competição, pretendendo ‘lucros’ à custa dos outros, optássemos pela cooperação, todos tornando-se mais felizes, apoiando-se mutuamente.

Não é outra a mensagem trazida pelo Nazareno, citado pelos Amigos Espirituais como um dos modelos para a Humanidade que, ao afirmar que a lei e os profetas se resumiriam em “*amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo com a si mesmo*”, está indicando o Amor como A Lei.

E não se trata de mera receita fútil: mesmo ainda ignorantes, vaidosos, selvagens até, se seguíssemos a instrução dos Espíritos na resposta ao item 632, “*Jesus disse: vede o que queríeis que vos fizessem ou não vos fizessem. Tudo se resume nisso. Não vos enganareis*”, estaríamos cientes de que isto é objetivo e ativo; trata-se de ação, e não de omissão. A Lei Natural é de conhecimento e amor, e não é possível avançar significativamente em um aspecto sem o outro – é preciso amar, para saber a importância de conhecer; e, ao conhecer, se reconhece a importância de amar; dessa maneira, o progresso de cada um é realimentado, cada vez busca-se mais amar e conhecer.

Se o conhecimento é infinito, e nessa direção nos ‘movemos’, assim também é o amor, que nos impele à superação, pouco a pouco, das limitações físicas de família, grupos, pátrias... Quanta dor deixaríamos de vivenciar se enxergássemos a todos como irmãos realmente, além da retórica!

Depois disto tudo, chegamos à Lei de Adoração. O “Amar a Deus”, cotejado com o questionamento inicial (se podemos nos relacionar com o Criador), levou Allan Kardec a estudar o nosso contato com Deus. E, de forma esclarecedora, as respostas não relacionam a adoração (o termo à disposição) a qualquer manifestação exterior. Trata-se, então, de elevar o pensamento a Deus, ou seja, dirigirmo-nos, intimamente, já que o pensamento é a própria expressão da vontade de cada um de nós, ao Criador – essa entidade que sabemos existir, por uma necessidade lógica e inata, mas sobre a qual poucas informações possuímos. Portanto, nenhuma fórmula vale mais do que um pensamento sincero, e as exhibições exteriores só servem a isso, mostrar-se para os circunstantes, e nisso mesmo está seu aparente benefício, pois Deus e os Espíritos em nada valorizam tal espetáculo.

Fica muito evidente, também, a nossa limitação quanto à linguagem para tratar desses temas, porque Kardec e os Espíritos usam frequentemente palavras como ‘coração’ para se referir aos sentimentos íntimos ou ‘desígnios de Deus’ para falar da Lei Natural, e mesmo ‘adoração’ em referência ao amor e respeito a Deus- e todas elas são limitadas e vinculadas a nossa experiência material...

Nessa relação com Deus surge a prece, que é a própria elevação do pensamento, e que dispensa completamente qualquer formato padronizado; inclusive, alertam aqueles Amigos que a prece lida ou decorada, desvinculadas, ambas, de sentimento, figuram como apenas lançar ao vento palavras vazias, em puro exibicionismo. Não é pelo número de palavras, ou pelo volume da voz, que se alcança qualquer resultado, pois nossa intenção é que define se haverá conexão com o ambiente superior, proporcionando-nos mais intenso acompanhamento e amparo através da inspiração- e de qualquer maneira, a Lei Natural segue seu curso, sem mágicas ou milagres, seja em termos pessoais ou humanos.

Nossa humanidade tem vivido, desde seu início neste planeta, um ‘pequeno ponto azul’ na imensidão do espaço, constantemente disputando e destruindo, tomando ao outro o que ele construiu e nos atrai a ganância. Como povo, parte de nós começa a perceber que esse é um caminho sem saída, porque o conhecimento material nos trouxe à condição de tal destruição, de pessoas, cidades, países e até o ambiente natural, que, em persistindo, nos fará retornar talvez à condição primitiva. Uma atitude urgente é requerida, e não só dos dirigentes políticos, mas de todos nós: assumir uma tomada de consciência dos erros cometidos, mudança dos hábitos, respeito ao outro, cooperação em todos os campos. Como na fábula, um passarinho sozinho não pode levar em seu bico água suficiente para combater o incêndio na floresta, mas todos juntos podemos acabar com o fogo.

Como espíritas, não temos a ‘missão’ de tornar o mundo espírita. Mas temos o compromisso de nos portarmos como conhecedores da Lei, agindo adequadamente, sendo exemplo para a sociedade – não por sermos espíritas exemplares, nem para sermos ‘estandartes de luz’, mas por sermos indivíduos seguros de nosso papel de colaboradores no progresso humano e espiritual.

A. C. Amorim

Fonte: comkardec.net.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Obras Fundamentais em Foco

O estudo das obras fundamentais possibilita ampliar a visão e o entendimento, a reflexão e a prática, sobretudo o que nos sensibiliza as percepções, dilatando gradativamente a nossa capacidade de compreensão, a zona lúcida, conforme expressão do estudioso francês Paul Gibier.

Nesta coluna, o IDEM publica trechos de O Livro dos Médiuns, O Céu e o Inferno, A Gênese, Obras Póstumas, além de O Que é o Espiritismo dando continuidade do estudo das Obras Fundamentais apresentadas nas colunas "O Que Disse Kardec" e "Desvendando o Evangelho Segundo o Espiritismo".

O QUE É O ESPIRITISMO

Publicado pela primeira vez em 1859, este livro é uma espécie de introdução ao estudo da Doutrina Espírita, um manual que discorre sobre os pontos fundamentais do Espiritismo, em linguagem fácil e acessível a todas as inteligências.

Divide-se em três capítulos:

O primeiro, sob a forma de diálogos com um crítico, um cético e um padre, traz respostas àqueles que desconhecem os princípios básicos da Doutrina, bem como apropriadas refutações aos seus contraditores.

O segundo capítulo expõe partes da ciência prática e experimental caracterizando-se como um resumo de O Livro dos Médiuns.

O terceiro capítulo é uma síntese de O Livro dos Espíritos, com a solução, apontada pela Doutrina Espírita, de problemas de ordem psicológica, moral e filosófica com que se debatia a humanidade.

Apresentamos abaixo o preâmbulo dessa obra essencial para entendermos o Espiritismo.

PREÂMBULO

As pessoas que só têm um conhecimento superficial do Espiritismo são, naturalmente, inclinadas a formular certas questões cuja solução poderiam, sem dúvida, encontrar em um estudo mais aprofundado dele; porém, o tempo e, muitas vezes, a vontade lhes faltam para se entregarem a observações seguidas. Antes de empreenderem essa tarefa, muitos desejam saber, pelo menos, do que se trata e se vale a pena ocupar-se com tal coisa. Por isso, achamos útil apresentar resumidamente as respostas a algumas das principais perguntas que nos são diariamente dirigidas; isto será, para o leitor, uma primeira iniciação, e, para nós, tempo ganho sobre o que tínhamos de gastar a repetir constantemente a mesma coisa.

Sob a forma de diálogos, o primeiro capítulo deste volume encerra respostas às observações mais comumente feitas por aqueles que desconhecem os princípios fundamentais da doutrina e, bem assim, a refutação dos principais argumentos de seus contraditores. Esta forma nos pareceu a mais conveniente, por não ter a aridez da forma dogmática. No segundo capítulo, damos uma exposição sumária das partes da ciência prática e experimental, sobre as quais, na falta de uma instrução teórica completa, o observador novato deve fixar a sua atenção para poder julgar com conhecimento de causa; é, aproximadamente, um resumo de O Livro dos Médiuns. As objeções nascem, quase sempre, das ideias falsas, feitas a priori, sobre aquilo que se não conhece. Retificar essas ideias é prevenir as objeções: tal é o fim deste pequeno trabalho. No terceiro capítulo, publicamos um resumo de O Livro dos Espíritos, com a solução, pela doutrina espírita, de certo número de problemas do mais alto interesse, de ordem psicológica, moral e filosófica, que diariamente são propostos, e aos quais nenhuma filosofia deu ainda resposta satisfatória. Procurem resolvê-los por qualquer outra teoria, sem a chave que nos fornece o Espiritismo; comparem suas respostas com as dadas por este, e digam quais são as mais lógicas, quais as que melhor satisfazem à razão.

Estes resumos não somente são úteis aos principiantes, que neles poderão, em pouco tempo e com pouca despesa, beber as noções mais essenciais da doutrina espírita, senão, também, aos adeptos, pois lhes fornecem os meios para responderem às primeiras objeções, que não deixarão de lhes apresentar, e, além disso, por encontrarem reunidos, em quadro restrito e sob um mesmo ponto de vista, os princípios que devem sempre estar presentes à sua memória.

Para responder, desde já e sumariamente, à pergunta formulada no título deste opúsculo, diremos que:

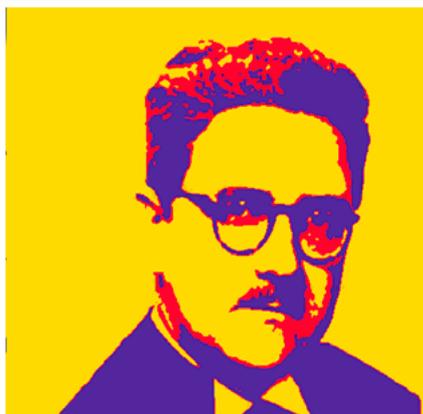
O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações.

Podemos defini-lo assim:

O Espiritismo é a ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.

Fonte: Livro *O que é o Espiritismo* - Allan Kardec

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



José Herculano Pires **O Apóstolo de Kardec**

Nessa coluna publicaremos artigos de José Herculano Pires, grande filósofo do Espiritismo, e tido por Emmanuel, através da mediunidade de Chico Xavier, como “o metro que melhor mediu Kardec”.

A maior característica do conjunto de suas obras é a luta por demonstrar a consistência do pensamento Espírita e por defender a valorização dos aspectos crítico e investigativo da proposta sistematizada por Allan Kardec.

Em seus ensaios nota-se a preocupação em combater interpretações e traduções deturpadas das obras de Allan Kardec, inclusive aquelas que surgiram no seio do Movimento Espírita Brasileiro ao longo do século XX.

AÇÃO ESPÍRITA NA TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO

As relações humanas se baseiam na afetividade humana. Não há afetos entre corações insensíveis. Por isso a dor campeia no mundo, pois só ela pode abalar os corações de pedra. Mas o Espiritismo nos mostra que o coração de pedra é duro por falta de compreensão da realidade, de tradições negativas que o homem desenvolveu em tempos selvagens e brutais.

Essas relações se modificam quando oferecemos aos homens uma visão mais humana e mais lógica da Realidade Universal. Essa visão não tem sido apresentada pelos espíritas, que, na sua maioria, se deixam levar apenas pelo aspecto religioso da doutrina, assim mesmo deformado pela influência de formações religiosas anteriores.

Precisamos restabelecer a visão espírita em sua inteireza, afastando os resíduos de um passado de ilusões e mentiras prejudiciais.

Se compreenderem a necessidade urgente de se aprofundarem no conhecimento da doutrina, de maneira a formarem uma sólida e esclarecida convicção espírita, poderão realmente contribuir para a modificação do mundo em que vivemos.

Gerações e gerações de espíritas passaram pela Terra, de Kardec até hoje, sem terem obtido sequer um laivo de educação espírita, de formação doutrinária sistemática. Aprenderam apenas alguns hábitos espíritas, ouviram aulas inócuas de catecismo igrejeiro, tornaram-se, às vezes, ardorosos na adolescência e na juventude (porque o Espiritismo é oposição a tudo quanto de envelhecido e caduco existe no mundo), mas ao se defrontarem com a cultura universitária incluíram a doutrina no rol das coisas peremptas por não terem a menor visão da sua grandeza.

Pais ignorantes e filhos ignorantes, na sucessão das encarnações inúteis, nada mais fizeram do que transformar a grande doutrina numa seita de papalvos.

Duras são e têm de ser as palavras, porque ineptas e criminosas foram as ações condenadas. A preguiça mental de ler e pensar, a pretensão de saber tudo por intuição, de receber dos guias a verdade feita, o brilhareco inútil e vaidoso dos tribunos, as mistificações aceitas de mão beijada como bênçãos divinas e assim por diante, num rol infundável de tolices e burrices fizeram do movimento doutrinário um charco de credices que impediu a volta prevista de Kardec para continuar seu trabalho.

Em compensação, surgiram os reformadores e adulteradores, as mistificações deslumbrantes e vazias e até mesmo as séries ridículas de reencarnações do mestre por contraditores incultos de suas mais valiosas afirmações doutrinárias.

Este amargo panorama afastou do meio espírita muitas criaturas dotadas de excelentes condições para ajudarem o movimento a se organizar num plano superior de cultura. Isso é tanto mais grave quanto o nosso tempo que não justifica o que aconteceu com o Cristianismo deformado totalmente num tempo de ignorância e atraso cultural.

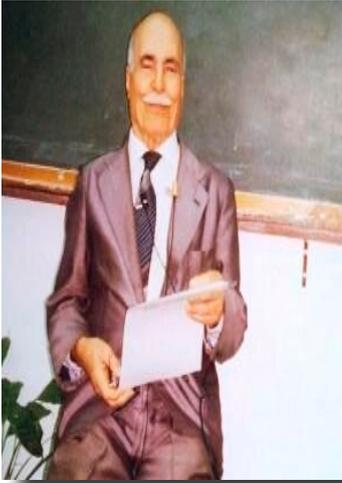
Pelo contrário, o Espiritismo surgiu numa fase de acelerado desenvolvimento cultural e espiritual, em que os espíritas contaram e contam com os maiores recursos de conhecimento e progresso de que a humanidade terrena já dispôs.

Todos os grandes esforços culturais em favor da doutrina foram negligenciados e continuam a sê-lo pela grande maioria dos espíritas de caramujo, que se encolhem em suas carapaças e em seus redutos fantásticos.

Falta o amor pela doutrina, de que falava Urbano de Assis Xavier; falta o amor pelos companheiros que se dedicam à seara com abnegação de si mesmos e de suas próprias condições profissionais e intelectuais;

falta o amor pelo povo faminto de esclarecimentos precisos e seguros; falta o amor pela Verdade, que continua sufocada pelas mentiras das trevas.

Fonte: Livro Curso dinâmico de espiritismo: o grande desconhecido. Ed. Paideia, 1979. - J. Herculano Pires
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Você Sabe Quem foi?

MANOEL PELICAS SÃO MARCOS

Nossa ligação com Portugal vem de muito longe. De lá partiram o descobridor da terra do cruzeiro e muitos outros missionários lusitanos desde então cruzaram os oceanos. Nesse intercâmbio magnífico entre países irmãos estreitaram-se laços, amizade e o amor por esta terra encantadora chamada Brasil. Em pleno século 20, ganhamos mais um presente de Ilhavo, seu nome: Manoel Pelicas São Marcos, nascido em 24 de novembro de 1909.

A música

Violonista, em 1978 São Marcos funda a Camerata Violonística de São Paulo, uma das suas grandes paixões, que apresentou-se pela primeira vez em público em 1980. Em 1986 seu projeto assumiria personalidade jurídica como associação cultural.

Seu talento foi reconhecido em forma de inúmeros troféus, como o da Ordem dos Músicos do Brasil (1981) e da Associação Paulista de Críticos de Arte – APCA, que premiou a Camerata Violonística como o melhor conjunto instrumental de 1984.

“É motivo de orgulho para mim ter participado desde o início desta empreitada, tanto como violonista, organizador da entidade, como promotor de eventos ao longo de 28 anos”, avalia Paulo Bastos Lacerda, responsável pelo grupo musical.

A filosofia

O Professor São Marcos, como já era carinhosamente chamado pelos alunos de música, passou a integrar a Federação Espírita do Estado de São Paulo em 1950, assumindo a direção do departamento editorial e administrativo, a livraria e procedendo à edição do jornal O Semeador.

Alguns anos depois passou a dirigir o departamento de ensino, empenhando-se até o seu desencarne, em 13 de novembro de 2004, no processo didático-pedagógico à frente das aulas de Filosofia Espírita. Também foi conselheiro da FEESP e diretor do curso de expositores.

Em 1986, Manoel São Marcos empreendeu seus esforços em pesquisas para fundamentar a parte filosófica do curso Introdução ao Conhecimento do Espiritismo. Um ano depois, seus estudos e observações culminaram na formulação de uma apostila específica. Nascia assim o Curso de Filosofia, inaugurando os cursos sistematizados de Filosofia Espírita na Federação Espírita do Estado de São Paulo. Escreveu a apostila denominada Noções de História da Filosofia e editou os livros-textos Filosofia Espírita e Seus Temas, Vols. I e II, trazendo reflexões importantes sobre assuntos palpitantes, como a realidade existencial, a reencarnação, a mediunidade, os princípios inteligência e matéria, a evolução das formas biológicas, o caminhar do ser metafísico, o espírito. Repensou a história do pensamento humano e enalteceu a obra de Léon Denis, Humberto Mariotti e Herculano Pires para analisar o aspecto filosófico do Espiritismo, trazido por Allan Kardec na codificação como caminho libertador para o encontro da religiosidade em espírito e verdade tão destacada e vivenciada por Jesus.

Hoje os cursos criados pelo Professor São Marcos continuam sendo ministrados no IEEF - Instituto Espírita de Estudos Filosóficos, instituição que tem como meta exaltar a sua obra, estudando e divulgando a doutrina dos espíritos, que teve nesse educador amoroso e idealista um verdadeiro mestre da Filosofia Espírita.

A trajetória de Manoel Pelicas São Marcos enfocou a prioridade do conhecimento para a libertação do ser e a ratificação dos ensinamentos de Jesus. *“O conhecimento – dizia ele – não ocupa espaço e amplia os limites do ser. Repensar o pensamento já pensado é um caminho para a solidificação do conhecimento.”*

Por sua familiaridade com a música, buscou muitas vezes comparações para a compreensão da própria filosofia espírita, *“um instrumento musical maravilhoso que temos à mão, mas que não sabemos tocar; olhamo-lo com enlevo, como a um amor que nunca se realizou em definitivo. Não temos o condão que o faz vibrar, que o faz transformar-se em infinitas melodias, em perene encantamento. Só temos uma imensa e grande vontade! E isso é o quanto basta e chega para começar”*, incentivava.

Salientando em seus textos o valor do saber filosófico, São Marcos convida a um esforço válido para novas descobertas. *“A filosofia é o meio, o processo único que ilumina a ignorância e a transforma em relativa sabedoria, mas só em íntima convivência com ela mesma, vivendo-a abundantemente, é que se pode conhecê-la”*, ensina.

Espírito de vanguarda, Manoel São Marcos soube articular a Filosofia Espírita com brilhantismo e substancialidade. Que possa sua obra ser considerada no universo espírita como fonte fecunda de reflexões sobre esta farta temática. Ele soube conciliar um rico conteúdo em um conjunto harmônico, que consola, convida à reflexão e à liberdade de pensamento para saciar a nossa sede de verdade e de transcendência.

Astrid Sayegh - Filósofa e coordenadora do IEEF - Instituto Espírita de Estudos Filosóficos.

Fonte: Texto publicado no jornal Correio Fraterno - edição 450 março/abril 2013

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



PARA REFLEXÃO

A VISÃO ESPÍRITA SOBRE O EQUILÍBRIO EMOCIONAL E MENTAL

Equilíbrio emocional e mental são aspectos fundamentais para uma vida plena e saudável. No entanto, muitas vezes nos deparamos com desafios que podem abalar nossa estabilidade emocional e mental. Diante disso, é interessante explorar a visão espírita sobre esse tema, buscando compreender como essa filosofia pode nos auxiliar a alcançar um equilíbrio mais sólido. Como o espiritismo enxerga as emoções humanas? Qual a importância do autoconhecimento nesse processo? Quais são as práticas indicadas pela doutrina espírita para alcançar um estado de equilíbrio emocional e mental? Neste artigo, vamos explorar essas questões e descobrir como a visão espírita pode contribuir para o bem-estar integral do ser humano.

No contexto da doutrina espírita, o equilíbrio emocional e mental é considerado fundamental para o desenvolvimento espiritual e para a evolução do ser humano. Segundo os princípios espíritas, somos seres espirituais vivendo uma experiência terrena, e a busca pelo equilíbrio emocional e mental é essencial para o nosso progresso espiritual.

Os desafios modernos para o equilíbrio emocional e mental

Vivemos em uma sociedade cada vez mais acelerada e exigente, o que pode trazer desafios para o equilíbrio emocional e mental. O estresse, a ansiedade, a pressão social e as preocupações financeiras são apenas alguns exemplos de situações que podem afetar negativamente nossa saúde emocional e mental.

Além disso, as redes sociais e a tecnologia também podem influenciar no desequilíbrio emocional, pois muitas vezes nos expomos a comparações constantes, alimentamos expectativas irreais e nos tornamos dependentes da aprovação dos outros.

Como a doutrina espírita pode auxiliar no desenvolvimento do equilíbrio emocional

A doutrina espírita oferece ensinamentos valiosos que podem auxiliar no desenvolvimento do equilíbrio emocional e mental. Através do estudo dos livros básicos da doutrina, como “O Livro dos Espíritos” e “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, é possível compreender os mecanismos da mente e das emoções, assim como obter diretrizes para uma vida mais equilibrada. A prática da caridade também é um pilar importante na busca pelo equilíbrio emocional. Ao ajudar o próximo, exercitamos sentimentos de amor, compaixão e solidariedade, que contribuem para o nosso bem-estar emocional.

O papel da mediunidade e da prática mediúnica no equilíbrio emocional e mental

Na visão espírita, a mediunidade é uma faculdade natural presente em todos os seres humanos. Quando desenvolvida de forma adequada, pode ser uma ferramenta importante para o equilíbrio emocional e mental. A prática mediúnica proporciona um contato mais próximo com os espíritos, permitindo que eles transmitam mensagens de amor, consolo e orientação. Essas mensagens podem trazer conforto emocional e ajudar na superação de desafios pessoais.

No entanto, é importante ressaltar que a prática mediúnica deve ser realizada com responsabilidade e orientação adequada, pois um médium desequilibrado emocionalmente pode atrair influências negativas.

Ensinamentos espíritas para lidar com os desafios emocionais da vida cotidiana

A doutrina espírita oferece ensinamentos que podem nos auxiliar a lidar com os desafios emocionais do dia a dia. Um desses ensinamentos é o entendimento de que estamos em constante evolução espiritual, passando por experiências necessárias ao nosso aprendizado.

Além disso, a doutrina espírita nos ensina sobre a importância do perdão, tanto para nós mesmos quanto para os outros. O perdão liberta-nos de sentimentos negativos como rancor e ressentimento, promovendo um maior equilíbrio emocional.

De acordo com a visão espírita, nossos pensamentos e emoções têm uma influência direta nas energias espirituais ao nosso redor. Pensamentos negativos ou desequilibrados podem atrair influências espirituais negativas, enquanto pensamentos positivos e equilibrados podem atrair influências positivas.

Por isso, é fundamental cultivarmos pensamentos elevados, como amor, gratidão e compaixão. Esses sentimentos positivos fortalecem nossa energia espiritual e contribuem para o nosso equilíbrio emocional e mental.

Exercícios práticos para cultivar um maior equilíbrio emocional e mental

- 1. Meditação:** reservar alguns minutos diários para meditar ajuda a acalmar a mente e cultivar a serenidade interior.
- 2. Prática da gratidão:** fazer uma lista diária das coisas pelas quais somos gratos ajuda a focar nas coisas positivas da vida.
- 3. Autoconhecimento:** buscar conhecer-se melhor, identificando padrões de pensamentos negativos ou comportamentos desequilibrados.
- 4. Exercícios físicos:** praticar atividades físicas regularmente ajuda a liberar endorfinas, substâncias responsáveis pela sensação de bem-estar.
- 5. Leitura edificante:** ler livros que promovam reflexões positivas sobre a vida pode ajudar na busca pelo equilíbrio emocional. Em suma, na visão espírita, o equilíbrio emocional e mental são fundamentais para o desenvolvimento espiritual do indivíduo. Através dos ensinamentos da doutrina espírita e de práticas como a meditação e a caridade, é possível cultivar um maior equilíbrio emocional e mental, promovendo assim uma vida mais plena e feliz.

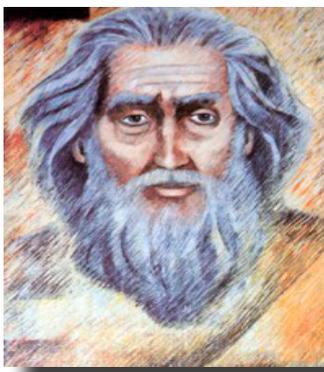
A visão espírita reconhece a importância da saúde mental e emocional, pois compreende que o equilíbrio nessas áreas é fundamental para o desenvolvimento espiritual. Através do estudo, da terapia espírita, do trabalho assistencial e da prática da caridade, a visão espírita busca promover o bem-estar emocional e mental dos indivíduos.

Fonte: <https://religiao.app/a-visao-espírita-sobre-o-equilíbrio-emocional-e-mental/>

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade; uma só teoria errônea.”

Erasto – O Livro dos Médiuns – 2ª parte – cap XX – Da influência moral do médium – item 230



Fala, Irmão José

Irmão José, um dos mentores espirituais do GEEDEM, ensina reflexões a respeito do cotidiano à luz do Evangelho, para que, com Jesus, saibamos enfrentar e vencer todos os problemas e desafios com os quais nos defrontamos.

AGE SERENAMENTE

Atribuições e provas?

Age serenamente.

Todo conflito espera

O socorro da paz.

Ninguém dá combustível

À voragem do incêndio.

Não farás uma festa

Com taças de vinagre.

Procura a inspiração

Da humildade e do amor.

Faze o bem que puderes

E o mal se afastará.

Fonte: Crer e Agir (Irmão José - Chico Xavier/Carlos Baccelli)

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Evangelho Consolador

Todas as quintas-feiras às 19h30 nosso Evangelho Consolador traz mensagens de consolo e esperança! Acompanhe pelo canal Família GEEDEM.

familiageedem
@familiageedem

Canal Família GEEDEM

Acesse o canal
Família GEEDEM:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLzuBi_bNwvcF5aZ14ofzfrKc9AQQmJfaN



Espaço Chico Xavier

Chico Xavier, por meio de sua mediunidade excepcional, decodificou os ensinamentos espíritas transmitindo as idéias e interpretações dos Espíritos orientadores. Ele foi um exemplo de edificação moral, pelo conhecimento e vivência do Evangelho.

Mostrou a todos nós como será a humanidade do futuro: portadora de conhecimento intelectual e moral.

O DESÂNIMO

Chico Xavier foi empregado da Fazenda de Criação do Ministério da Cultura por mais de vinte anos em Pedro Leopoldo.

Uma manhã, quando caminhava para o trabalho, refletia sobre seus trabalhos mediúnicos. Ele estava atolado de problemas. Era muitos os adoentados pedindo socorro, aflitos que precisavam de preces, curiosos que pediam esclarecimentos e ateus que insistiam na obtenção da fé. Chico Xavier estava desanimado. Então Emmanuel apareceu para ele. O mentor apontou uma cena. Ele mostrou um lavrador que trabalhava com uma enxada no sol nascente.

- Você reparou? - Perguntou Emmanuel para Chico. - Guiada pelo cultivador, a enxada procura apenas servir. Ela não questiona se o terreno é seco ou pantanoso, se ela vai atingir o lodo ou bater nas pedras. Ela não questiona se vai ajudar na sementeira de flores, batatas, milho ou feijão. A enxada obedece ao lavrador e ajuda sempre.

Emmanuel fez uma pausa e continuou:

- Nós somos a enxada nas mãos de Jesus, o Divino Semeador. Você deve aprender a servir sem questionar.

Chico foi tocado pelo ensinamento e respondeu:

- É verdade! O desânimo é um veneno.

- Sim. - Concluiu Emmanuel. - A enxada que foge do trabalho cai na tragédia da ferrugem.

Emmanuel então se despediu. Chico Xavier foi trabalhar de coração agradecido.

Fonte: blogdoespiritismo.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Abrindo Janelas

Espaço dedicado a palestras de expositores, alguns pouco conhecidos nacionalmente no meio espírita, porém com explicações relevantes e pertinentes que vale a pena conhecer.

Fortalecimento e Consolo:

Palestrante: Dr. Sérgio Felipe de Oliveira

Tema: Neuroespiritualidade: Ansiedade e Mediunidade

Assista na íntegra: <https://www.youtube.com/watch?v=SCYScQuov>

Estudo:

Palestrante: Cosme Massi (Kardec Play Canal)

Tema: A Ética e a Moral Espírita em tempos de mudança

Assista na íntegra: <https://www.youtube.com/watch?v=s3m5D4FvnEs>



Sugestão de Leitura

O VÔO DA LIBERDADE - Brilhe Vossa Luz José Lázaro Boberg

Duas principais posições antagônicas se digladiavam no início da formação da religião cristã: a dos gnósticos, retratando a independência (*Vós sois deuses*) e a dos ortodoxos, a dependência (*Tendes fé!*) expostas nos evangelhos canônicos. A única e

decisiva diferença entre os mitos antigos e a religião cristã é que religião terminou por concentrar esse conceito universal, *Vós sois Deuses*, em uma única pessoa histórica isolada. Em outros termos, ao invés de independência, para plenificar o nosso potencial divino – este é objetivo do livre-arbítrio – por força coatora da Igreja, entregamos o nosso Christós, apenas a Jesus de Nazaré, e tornamo-nos como pássaros presos na gaiola, isto é, dependentes, conforme já reportamos em nosso livro *O Evangelho Q*.

Então, justifica-se o título do livro, *O VOO DA LIBERDADE: Brilhe a vossa luz!* –, que objetiva a independência do ser em evolução, em oposição à dependência. Num, temos o símbolo do pássaro “preso na gaiola” e, no outro, o seu “voo de libertação”. A ‘dependência’ está presente no processo utilizado pelos ortodoxos, com os seus evangelhos canônicos e, a ‘independência’ na proposta do gnosticismo. Nessa linha gnóstica, Emmanuel, através da recepção mediúnica de Francisco Cândido Xavier, em *Caminho Verdade e Vida*, Cap. 107, arremata: “*A realização divina começará do íntimo das criaturas, constituindo gloriosa luz do templo interno*”.

Encomende seu exemplar em nossa livraria: https://bit.ly/whatsapp_geedem





O Espiritismo, enquanto corpo teórico-doutrinário estruturado por Allan Kardec, notabilizou-se por propor o exercício constante da razão como fundamento indispensável para a adesão às suas ideias e princípios, caracterizando-se a fé raciocinada. Essa proposta, inovadora à época e ainda hoje profundamente desafiadora, delineia uma clara oposição ao tradicional dogmatismo religioso cego, que dispensa explicações ou comprovações em favor de explicações absolutas e inquestionáveis. No entanto, paradoxalmente, muitos adeptos do Espiritismo têm-se comportado exatamente como seguidores passivos, dirigidos não pelo discernimento lógico ou pelo exame racional dos fatos, mas pela autoridade de líderes carismáticos e místicos.

Essa contradição é especialmente intrigante quando se observa que, apesar de adotarem um comportamento típico das religiões tradicionais, as quais são caracterizadas pela aceitação acrítica das orientações dadas por figuras de destaque, tais adeptos frequentemente acreditam estar distantes desse padrão justamente por se intitularem espíritas. Há nesse fenômeno uma espécie de autoengano doutrinário, em que indivíduos se convencem de que, pelo simples fato de professarem uma doutrina que prega explicitamente a necessidade da análise crítica e racional de qualquer informação ou fenômeno, seja mediúnico ou não, estariam automaticamente imunizados contra formas de crença acrítica.

Contudo, a realidade tem mostrado que a identificação formal com os princípios espíritas não é garantia suficiente para assegurar uma prática verdadeiramente fundamentada na razão.

Esse fenômeno parece derivar, em parte, do comportamento humano em busca do conforto e segurança emocional, elementos frequentemente oferecidos pelos líderes dotados de carisma e aparente segurança espiritual.

Diante das dificuldades da vida cotidiana e das incertezas existenciais, torna-se tentador para muitos adeptos buscar refúgio em figuras religiosas capazes de oferecer soluções imediatas, reconfortantes e isentas de complexidade intelectual. O resultado disso é a formação de núcleos espíritas que se assemelham mais a comunidades religiosas tradicionais, em que a autoridade do dirigente, seja médium, palestrante ou escritor de renome, torna-se um elemento fundamental e raramente questionado.

Nesse contexto, líderes carismáticos frequentemente assumem papéis semelhantes aos de pastores em congregações religiosas convencionais, influenciando decisivamente o pensamento e o comportamento dos adeptos sob sua orientação.

O problema essencial não está, naturalmente, na existência de líderes ou no exercício legítimo da liderança espiritual, mas sim na abdicação consciente ou inconsciente do dever doutrinário de pensar e refletir individualmente. A consequência dessa abdicação é a cristalização de uma fé cega, muito semelhante àquela criticada veementemente por Kardec, que enfraquece o elemento distintivo do Espiritismo, qual seja, a liberdade e a responsabilidade de questionar, analisar e compreender antes de aceitar qualquer ideia como verdadeira.

Esse quadro tem levado muitos grupos espíritas a afastarem-se gradualmente da proposta original de Kardec, com crenças superficiais, voltada sobretudo para atender às demandas imediatas e quase lúdicas dos frequentadores. Nessas circunstâncias, frequentemente se valorizam discursos de autoajuda, relegando-se o estudo sério e metódico do Espiritismo a um plano secundário. Romances mediúnicos, relatos fantásticos e experiências mediúnicas não submetidas ao controle universal proposto por Kardec ganham espaço central nas reuniões, contribuindo para o aumento do fascínio por líderes capazes de fornecer respostas envolventes e, sobretudo, emocionalmente satisfatórias. (grifo nosso)

Perante esse cenário, torna-se necessário recordar constantemente aos adeptos espíritas a importância fundamental da fé raciocinada. O Espiritismo, como proposta filosófica, requer um permanente exercício intelectual de análise crítica, um esforço individual contínuo para compreender profundamente suas bases conceituais e para submeter todas as manifestações mediúnicas e conteúdos divulgados ao crivo da lógica, da coerência e da universalidade.

Tal atitude demanda maturidade intelectual e espiritual, exigindo que cada adepto assuma a responsabilidade plena por sua própria compreensão doutrinária, evitando a comodidade de terceirizar suas convicções.

Certamente, a existência de líderes carismáticos e místicos no movimento espírita não seria um problema se suas ações e discursos fossem consistentemente submetidos ao necessário exame racional proposto por Kardec.

O verdadeiro desafio reside em estimular uma cultura de estudo sério e constante, capaz de libertar os adeptos espíritas da postura passiva de dóceis ovelhas e levá-los a assumir a posição ativa, analítica e esclarecida que a doutrina promove. Somente através desse compromisso consciente com a razão é possível preservar a essência do Espiritismo, garantindo que seu diferencial mais significativo, a fé raciocinada, não seja debilitada por narrativas sedutoras de credices e fantasias.

Marco Milani

Fonte: <https://educadorespirita1.blogspot.com/>

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

O CERNE DA QUESTÃO DOS SOFRIMENTOS FUTUROS



Com o advento da concepção da autonomia moral e livre-arbítrio dos indivíduos, a questão das dores e provas futuras encontra uma nova noção, de acordo com o que se convencionou chamar justiça divina.

O pior das discussões sobre os fundamentos do espiritismo se dá quando nos afastamos do ponto central ou, tão prejudicial quanto, sequer alcançamos esse ponto, ou seja, permanecemos na periferia dos fatos, casos e acontecimentos justificadores. As discussões costumam, normalmente e para mal dos pecados, se desviarem do foco e alcançar um estágio tal de distanciamento que fica impossível um retorno. Em grande parte das vezes, o acirramento dos ânimos se faz inevitável.

A ideia da autonomia moral é alentadora. Antes se dizia: “*quem o alheio veste na praça o despe*”. Essa palavra é expressiva, mas parcial, pois não abrange um percurso mínimo de explicação de um fato. Bem compreendida, porém, fará sentido e então não será repelida.

O advento do espiritismo trouxe uma nova visão, revolucionária, para a justiça dita divina, mas, a princípio, talvez pelo afã de tentar aplicar a ideia nova a todos os fatos do domínio da religião constituída, dogmática, se incorreu em excessos, tanto para um lado quanto para outro, à direita e à esquerda.

“*Deus deita, mas não dorme*”, “*a justiça divina não falha*” “*quem não pagar aqui, pagará do outro lado*” – todas essas expressões derivadas de um sentimento de pecado e punição, afeito às medidas dogmáticas do antigo “*olho por olho, dente por dente*”, tiveram o seu imediato correspondente na ideia da interpretação precipitada da reencarnação, desfigurando o foco principal que é, no caso desta reencarnação, o progresso, a evolução do ser espiritual numa dinâmica que envolve o ser coletivo, a vida em sociedade.

De um lado, adotou-se uma ortodoxia: partiu-se para o entendimento equivocado de que todos os sofrimentos na presente vida têm sua causa nos erros de vidas passadas, logo, a reencarnação é feita para o indivíduo pagar esses erros. Erros e pecados são sinônimos, então a ideia antiga permanece. Herculano Pires chega a apresentar um exemplo: nasce uma criança com o braço defeituoso e logo, diz, aparece um sabereta espírita para afirmar que é decorrente de um carma de vidas passadas.

Ao perceber-se a ambiguidade de tal interpretação, sua incapacidade para compreender as novas ideias espíritas, criou-se, como contraponto, a noção de que os sofrimentos da presente vida se devem às condições de vida material e social somente e não a consequências punitivas do passado. O único tribunal a julgar as ações individuais é o da consciência, logo não há punições para essas ações, emanadas de fora da consciência do próprio indivíduo.

A ideia de uma justiça externa ao indivíduo capaz de estabelecer penas à sua futura existência terrena em decorrência de existências anteriores está em dissonância com o espiritismo. Ponto. Todavia, a ideia de que os sofrimentos da presente vida decorrem unicamente das condições materiais e sociais (herança genética, desigualdade etc.) não consegue responder nem convencer de fato. Ponto, também.

Nem sempre a linha reta é a menor distância entre dois pontos, bem como o caminho do meio pode não ser a melhor vereda do viajante da evolução, especialmente quando certas experiências necessárias já foram suficientemente realizadas. Nesses casos, é até aconselhável tomar atalhos.

Sendo a ideia de pecado e punição incompatível com a noção de autonomia e livre-arbítrio, segue-se que se deve à consciência individual a ação de resolver os conflitos criados por si e para si, os quais de alguma forma perturbam e dificultam sua evolução. Aqui somam-se os erros cometidos, as violências praticadas, os ódios e vinganças, ou seja, tudo aquilo que trava a consciência do seu melhor equilíbrio, condição esta necessária para uma reencarnação proveitosa.

A base da evolução é conhecimento e amor. Ora, quando a consciência se apropria dessa noção, a tendência é que busque destravar tudo aquilo que a impede de caminhar, ou que a faz estacionar. É este um momento crucial, em que as decisões implicam a busca das condições e recursos para avançar. A próxima vida no corpo físico pode e deve incluir experiências que ⁽¹⁾ modifiquem para melhor o quadro moral individual ao eliminar a carga dos eventos negativos acumulados em outras vidas e ⁽²⁾ permitam realizar construções positivas que conduzam o espírito a estágios mais avançados de felicidade.

As decisões individuais tomadas no sentido de refazer o passado perturbador da consciência podem ser vistas como expiações, cumprimento do carma, pagamento de pecados e coisas que o valham. Não importa o nome que se dê. A essência residirá nessa compreensão de que são decisões do ser autônomo, tomadas por ele no pleno exercício do seu livre-arbítrio, com vistas à sua libertação das amarras morais que retêm ou aprisionam.

Do outro lado, a decisão de viver experiências capazes de impulsionar o indivíduo à frente é o complemento das decisões anteriores, da vivência de experiências libertadoras.

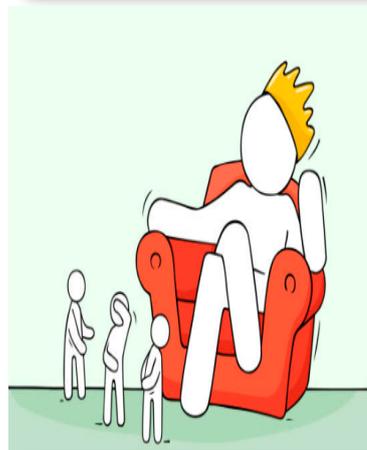
Há, então, aí uma espécie de complementaridade, pelo menos no que diz respeito à média dos espíritos ligados ao planeta Terra em seu estágio de mundo imperfeito.

De tudo isso resulta que a libertação das amarras do passado e o impulso ao progresso são do ordenamento da consciência individual. No entanto, eles só se realizam na usina das relações sociais, em sociedade, com o outro, nunca com o indivíduo apartado do outro. Daí a compreensão de que o avanço individual precisa do meio social para se realizar, ao mesmo tempo em que o progresso social precisa do indivíduo. Inevitável compreender que na reencarnação o ser constrói o mundo para si e para o outro, de forma reciprocamente verdadeira.

Wilson Garcia

Fonte: expedienteonline.com.br/

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



MÉDIUNS-ESTRELAS: AFASTE-SE DELES!

O verdadeiro médium deve ser desinteressado e vigilante contra a influência de Espíritos inferiores que se aproveitam da vaidade humana. Quando um médium se torna mais importante do que a mensagem que transmite, há um forte indício de mistificação e afastamento da verdadeira finalidade da mediunidade.

No Espiritismo, a mediunidade é uma faculdade concedida para servir à caridade, à instrução e ao consolo dos que sofrem. Allan Kardec deixou claro que o médium deve ser um intermediário humilde entre o plano espiritual e os encarnados, jamais se colocando como uma figura centralizadora ou buscando vantagens pessoais. No entanto, em muitos ambientes espíritas, surgem os chamados “médiuns-estrelas”, que transformam sua mediunidade em um palco de vaidade e poder.

Esses indivíduos costumam se destacar pela necessidade constante de reconhecimento. Buscam projeção pública, exaltam-se como canais exclusivos de revelações espirituais e criam um séquito de seguidores que os tratam como autoridades absolutas. Seu discurso, muitas vezes, prioriza a exaltação de si mesmos em detrimento dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita. Em casos mais graves, exploram financeiramente ou emocionalmente aqueles que os acompanham, criando um sistema de dependência e idolatria.

Kardec advertiu repetidamente sobre os perigos do personalismo na mediunidade.

Em “O Livro dos Médiuns”, ele ressalta que o verdadeiro médium deve ser desinteressado e vigilante contra a influência de Espíritos inferiores que se aproveitam da vaidade humana. Quando um médium se torna mais importante do que a mensagem que transmite, há um forte indício de mistificação e afastamento da verdadeira finalidade da mediunidade.

O perigo dos médiuns-estrelas não se limita apenas ao campo moral. Muitas vezes, suas mensagens contêm erros doutrinários, pois deixam de lado o crivo da razão e da coerência com a Codificação Espírita. Sob a justificativa de trazer “novidades espirituais”, disseminam ideias contraditórias ao Espiritismo, levando muitos ao engano.

Diante disso, cabe ao espírita consciente estar atento. O verdadeiro médium trabalha com discrição, humildade e fidelidade aos ensinamentos espíritas. Ele não busca fama nem privilégios, mas compreende que sua tarefa é servir, jamais se colocar em um pedestal. Afaste-se daqueles que transformam a mediunidade em um espetáculo e lembre-se: **onde há personalismo excessivo, há sempre o risco da mistificação e do desvio da verdade.**

Fonte: Blog “O legado de Allan Kardec”

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



MEU AMIGO OBSESSOR

Logo que adentramos nos domínios do espiritismo, rapidamente nos deparamos com a temida figura do obsessor. Aprendemos, o quanto antes, que estes são irmãos que atuam sobre nosso psiquismo, à revelia de nossa vontade, mediante convites feitos por nós mesmos. Somos os anfitriões da festa em que eles tocam suas músicas. Mesmo diante da colocação de que somos sempre co-responsáveis por nossa sintonia, seguimos temendo-o, fugindo, evitando e encaminhando esse irmão para a luz o mais rápido possível.

Conforme vamos avançando nas literaturas da doutrina, histórias luminares apresentam, exemplo após exemplo, imagens tão próximas e humanas desses irmãos que, aos poucos, vamos sentindo nosso coração reconhecer neles o amigo magoado de outrora. Aquele de quem sentimos uma desconhecida saudade, a perda que nunca superamos, mesmo diante de séculos de distanciamento.

Uma insuspeita ternura invade o coração, e aquele temor antigo não se faz mais presente quando nos damos conta de suas presenças. A vontade impaciente de encaminhá-los para tratamento espiritual parece respirar mais devagar.

É aí que flores luminosas começam a desabrochar em nossos corações. Florescem em pétalas de compreensão e de um olhar compassivo diante de resmungos, ameaças, xingamentos, choros convulsivos ou, mesmo, um rosar inesperado.

Enquanto encarnados, perdemos a noção do obsessor que existe em nós. Em grandes porções ou em partes ínfimas, essa manifestação certamente repousa nos cantos escuros de nossa consciência. Na caminhada da individuação do princípio inteligente, precisamos todos passar pelos inevitáveis arcaibouços do egoísmo. Egoísmo este que não nasce do mal em si, mas das necessidades instintivas que guardamos dos nossos estágios evolutivos anteriores. De maneira natural e necessária, precisamos conservar parte da porção animal ainda presente em nosso ser. Nos despojando aos poucos dos instintos, vamos galgando o sonho de, quem sabe um dia, sermos realmente humanos.

Todos já passamos por essas trilhas. Quase todos ainda seguem por elas. Somos feitos dessa mesma substância: viver, experienciar, errar, aprender, ensinar.

Que o Senhor Deus, por meio da prática bendita da mediunidade, siga nos oportunizando esse aprendizado no contato com lindas histórias de perdão, de cura, de redenção. Que diante de nossos amigos obsessores, sejamos o colo que acolhe, o olhar que respeita, a palavra que acalma, a oração que eleva, a presença que aceita e sabe esperar.

Sejamos a fé que reside na absoluta certeza de que existe uma Ordem e uma Sabedoria maior, que a tudo rege e cuida com infinita misericórdia. Segundo Ela, todos iremos florescer, cada um a seu tempo, unidos e entrelaçados pelas teias da irmandade. Movidos pelos nossos corações – magnetos invariavelmente atraídos pela luz – haveremos de ser espelhos incontestes de nosso Pai.

Meu irmão, meu velho amigo obsessor: que eu saiba te esperar com paciência, amor e companheirismo – os mesmos sentimentos que tantos outros irmãos nutriram enquanto esperavam por mim um dia, ou ainda esperam até hoje...

Daniela Migliari

Fonte: <https://kardecriopreto.com.br/>

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Deus é infinito em suas perfeições, mas o infinito é uma abstração. Dizer que Deus é o infinito é tomar o atributo de uma coisa pela coisa mesma, é definir uma coisa que não é conhecida por uma outra que não o é mais do que a primeira.

O Livro dos Espíritos - Comentário de Allan Kardec na Questão 03



E AÍ, O QUE QUEREMOS COM A IA NO MOVIMENTO ESPÍRITA?

A ideia de Inteligência Artificial-IA remonta a décadas, mas com a popularização de aplicativos, como o ChatGpt, houve um crescimento desse debate, demarcando a inserção desse tema na sociedade. Para atestar isso, basta verificar diariamente as páginas de periódicos na internet, para ver como o tema permeia praticamente tudo atualmente, com muita coisa se autobatizando de IA, apenas com fins publicitários.

A conceituação de inteligência artificial, conforme disponível no sítio da IBM, é que Inteligência artificial, ou IA, é uma tecnologia que permite que computadores e máquinas simulem a capacidade de resolução de problemas e a inteligência humana.

Presente nos aplicativos mais utilizados, a IA como instrumento tem limites, precisa ser “treinada” e necessita de bases de dados robustas para a melhor qualidade dos seus produtos derivados, se prestando muito bem a realização de tarefas rotineiras, formatações, articulações de grandes massas de informações, mas se afigura como uma zona fronteira e ainda pouco explorado, com muitas incertezas ainda de suas possibilidades, mas com prenúncios de mudanças no modo de viver.

Como tudo que entra dessa forma, transversalmente na vida social, é mitificado e superestimado, servindo de mecanismo publicitário para vender ou encarecer coisas, mas esse cenário momentâneo não inibe o potencial da revolução social em curso propiciada pela IA afetando aspectos econômicos, sociais, da vida do trabalho e da prática da espiritualidade.

No movimento espírita já temos livros ilustrados por IA, pessoas montando suas palestras e aulas de evangelização com essas ferramentas, e textos de periódicos construídos dessa maneira, além de uso no apoio a atividades administrativas. Mas isso é só o começo.

No mundo do cuidado pelo mundo, consultas médicas e psicológicas são conduzidas por mecanismos baseados em IA, e a gestão na relação com clientes e partes interessadas já faz suas interações toda nessas plataformas, sendo difícil recorrer a um atendente humano para resolver um problema cotidiano. Um mundo novo, fascinante e assustador.

Entre uma agitação muito grande mesclada a um receio, tem-se ao final uma utilização massiva, as vezes sem nem saber direito, em um cenário que remete a reflexões, em especial no âmbito da visão espírita e da condução de nossas atividades.

A primeira questão é de que com o avanço da IA, teremos mais tempo livre (o que pode se traduzir em desemprego e reformulação de relações de trabalho), e tenderemos a “pasteurização” de procedimentos, agora rotinizados e delegados, o que pode nos fazer em alguma medida mais preguiçosos para fazer coisas mais elaboradas, frente a comodidade de se usar uma IA.

Com isso, a impessoalidade, que já reina nas relações mediadas pelas redes sociais, vai assumir outras proporções e o contato humanizado será mais restrito, diminuindo a empatia, o diálogo e a qualidade das relações.

Sem ter medo de uma tomada de poder pela IA, como preconiza a ficção científica, o receio é de outra natureza, assustando a deterioração da convivência, o que agudiza o egoísmo, a truculência e valoriza o acessório em termos de evolução espiritual.

Esse debate, para além da superficialidade do sou contra ou a favor, bate na porta do movimento espírita na tentação de restringir e pasteurizar nossas atividades, por essa delegação que nos afasta da interação humana no espaço de convivência que é a casa espírita, seja no assistencial, no doutrinário ou no mediúnico, em especial em um mundo pós covid no qual nos acostumamos a interação virtual com a casa espírita.

Isso é ruim? Não, mas tem consequências que precisam ser conhecidas e sopesadas. Atendimento fraterno, a reflexão na construção de uma palestra ou um artigo, a beleza de atividades interativas, as canções que vem com a inspiração, esse fazer artesanal e suas virtudes pode ser engolida por uma produção em série de produtos consumidos vorazmente e de forma superficial.

O Espiritismo é algo vivencial, qualitativo, e não se restringe a volumes e quantidades, e a praticidade da IA, desejável para várias coisas, pode ter efeitos na essência do movimento como um espaço de interação humana, tirando a nossa atenção da reflexão para a informação em profusão.

Da mesma forma, por ser um organizador de conhecimento disponível, a IA tem vieses, tem lógicas que podem confrontar com o espírito da doutrina, em especial por se servir do universo da internet, e por vezes não ter a visão crítica de fontes, na busca de ser plural, sem diferenciar as informações por bases evidenciais ou inconsistências.

A produção de vídeos falsos e convincentes torna a busca da verdade mais complexa, com uma enxurrada de notícias inverídicas e isso pode afetar nossos textos e produtores de conteúdo, podendo ser a IA um instrumento de desinformação, recheada de bençãos de mensagens mediúnicas para atribuir aquele conteúdo credibilidade.

Ainda que no Espiritismo importe mais a mensagem do que a fonte ou o médiano, essa mesma visão nos inspira a analisar com cuidado a produções de derivadas de IA, para que os vieses sejam percebidos e discutidos, fugindo do endeusamento de conteúdos oriundos de IA, como fazemos, por vezes, diverso da lógica kardequiana, com médiuns.

Assim, ideias estranhas e embaladas de forma acrítica, muitas absurdas, podem tornar mais superficial o debate espírita, fazendo-o conteudista, polarizado, mas ao mesmo tempo com uma roupagem inovadora, para atender ao fetiche mercadológico de dizer que está usando ali a IA, como um símbolo de modernidade.

A doutrina espírita dialoga com a ciência, com a tecnologia e com a inovação. É do seu DNA esse acompanhar as coisas novas que surgem, e essa é uma de suas forças, o que não significa absorver toda novidade sem contextualizar esta com a realidade e seus pressupostos, em especial a IA, que apesar do caráter instrumental, afeta a essência das coisas, longe de ser algo neutro.

A revolução da IA é inexorável, como foi a da televisão, da internet, do vapor, da eletricidade e tantas outras que modificaram o nosso modo de vida e a nossa forma de vivenciar a doutrina espírita, gerando possibilidades e ganhos. Mas, também essas revoluções tiveram suas consequências que nos conduziram a reflexões, e passaram pela superficialização do debate e pelo abandono de práticas. A Revolução da IA também terá consequências na nossa forma de sermos espíritas.

Kardec, se encarnado, seria um entusiasta dessa novidade, mas com cautela, atento a superestimativas e ilusões, algumas com claros fins comerciais, e que santificam a novidade, no mito tecnológico que esquece que o mundo é uma soma de novidades de cada época, que ajudaram a construir o mosaico atual, permanecendo o que é bom.

Fonte: comkardec.net.br

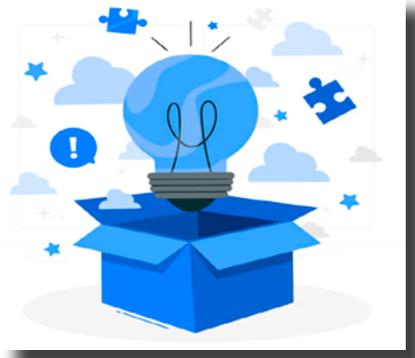
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

84. Os Espíritos constituem um mundo à parte, fora aquele que vemos?

“Sim, o mundo dos Espíritos, ou das inteligências incorpóreas.”

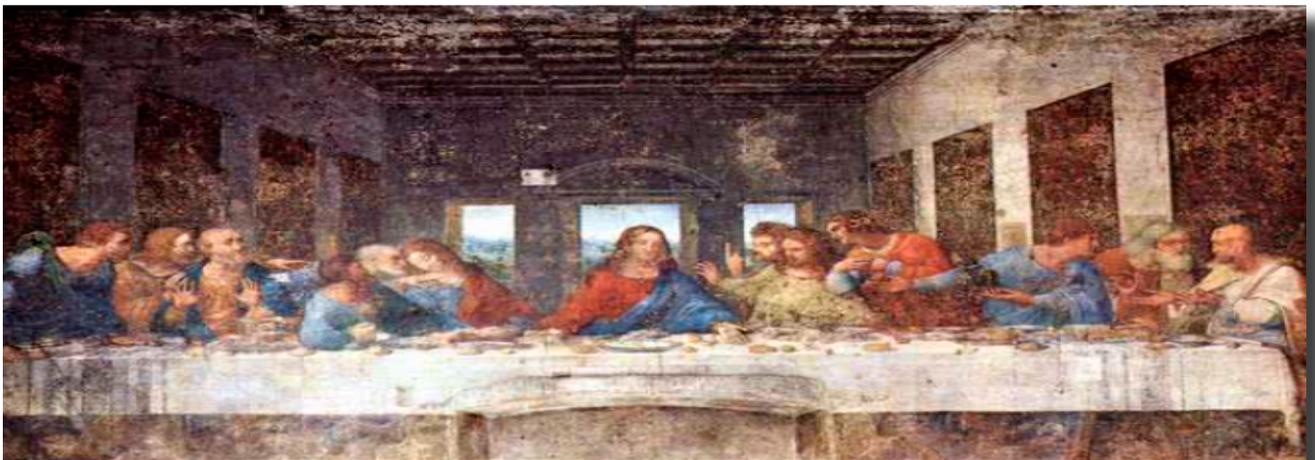
O Livro dos Espíritos - Cap 1

Fora da Caixa



CULTURA

A Última Ceia de Leonardo da Vinci: análise da obra



A Última Ceia, também conhecida como Santa Ceia, é uma pintura que representa o momento bíblico em que Cristo compartilha sua última refeição com os discípulos.

A obra foi feita por Leonardo da Vinci entre 1494 e 1497, em uma parede no refeitório do Convento de Santa Maria Delle Grazie, em Milão, Itália.

A composição pictórica mede 4,60 por 8,80 metros e é uma das obras mais famosas do mundo e das mais conhecidas do artista, assim como uma das mais estudadas e copiadas da história da arte.

Análise da Pintura

Elementos da obra e significados

Esta pintura é uma composição equilibrada, onde o gesto tem uma relevância grande, pois é através dele que as emoções são transmitidas.

Esta importância do gesto na construção da narrativa pictórica para Leonardo ficou registrada em um dos seus livros de apontamentos. Nesse texto ele afirma que o objetivo principal da pintura, e também o mais difícil de conseguir, é retratar “a intenção da alma humana” através dos gestos e movimentos dos membros.

A arquitetura serve apenas de apoio às personagens, que são o foco principal da composição. Assim, em vez de os elementos arquitetônicos pintados se sobreporem às figuras, eles ajudam a destacá-las, atribuindo profundidade.

O ponto de fuga central em termos de perspectiva é Cristo, que ao centro do quadro se encontra emoldurado pela abertura principal onde é possível observar a paisagem. Acima dessa abertura encontra-se um enfeite arquitetônico que funciona simbolicamente como auréola sobre sua cabeça.

Interpretação

O instante mostrado na pintura é aquele em que Jesus acaba de afirmar que “um de vós me há de trair”, e os discípulos estarão perguntando “Sou eu, Senhor?”. Essa teoria fundamenta-se na agitação que parece ter tomado os apóstolos que, por gestos dramáticos e expressões, demonstram apreensão e inquietação.

Em contraste com os discípulos, Cristo apresenta uma atitude passiva, afirmando com a sua postura: “Tomai, comei; isto é o meu corpo.” e “Bebei dele todos; porque este é o meu sangue”.

Percebemos isso pois uma das mãos aponta para o pão e a outra faz referência ao cálice de vinho. Na verdade, o cálice (ou Santo Graal) está ausente na cena, o que é visto por alguns estudiosos como uma provocação à Igreja e ao papa, na época Alexandre VI, que não era benquisto por Da Vinci.

Técnica usada na pintura

Para a realização desta pintura, Leonardo não optou pela tradicional técnica de afresco (de têmpera de ovo sobre reboco úmido), mas decidiu experimentá-la com um ligante à base de óleo sobre gesso seco.

Esta inovação talvez tenha ocorrido pois ele queria dar um aspecto específico à pintura, com diferentes tonalidades, jogar com o claro/escuro, como era sua característica.

Mas também pode ter sido uma escolha influenciada por ele não dominar completamente a técnica de afresco, assim como o fato de o óleo permitir pintar em camadas e assim repensar a obra enquanto se realizava.

De qualquer maneira, a verdade é que essa escolha se revelou catastrófica para a conservação da pintura, pois pouco tempo após terminada ela começou a se deteriorar.

Desde então a obra sofreu incontáveis intervenções e repinturas, além de danos, alguns deles ocorridos no século XIX, quando os soldados de Napoleão usaram o refeitório como estábulo.

Outras danificações ocorreram com os bombardeamentos de 1943, que acabaram deixando a obra exposta às agressões dos elementos naturais. Assim, se aliarmos a característica frágil da obra aos acontecimentos, considera-se um quase milagre que ainda hoje seja possível contemplá-la.

As comidas representadas na ceia

As constantes restaurações que a obra sofreu ao longo dos séculos levaram também a algumas descobertas sobre a pintura. Uma delas é o detalhe mostrando que entre a comida disposta na mesa estão representadas enguias (e não apenas vinho e pão como era comum), algo que se deve à popularidade desse prato na época.

Modelos usados para a pintura

Existem alguns registros que apontam alguns modelos usados para a representação das figuras. Supõe-se que um sujeito chamado Alessandro Carissimo de Parma serviu de modelo para as mãos de Cristo.

Há ainda indicações que um homem de nome Giovanni Conte tenha sido o modelo para o rosto de Cristo. E sendo que o único Giovanni Conte de que há registro foi um militar, é curioso pensar que a figura calma e passiva de Jesus tenha sido pintada à imagem de um militar.

Pessoa sentada à direita de Cristo

Uma das teorias mais famosas sobre uma das figuras da pintura, e que gerou um livro (Dan Brown) e um filme, é a de que a pessoa sentada à direita de Cristo seria Maria Madalena.

Na verdade, considera-se que seria São João Evangelista, o discípulo mais jovem e que Jesus amava. O homem estava sempre ao seu lado e aqui está representado de forma andrógina (figura de gênero indefinido), uma característica da pintura de Leonardo.

Também é interessante ter em consideração que os apóstolos são inspirados em muitos dos amigos e contemporâneos de Leonardo que também frequentavam a corte de Milão.

Tapeçaria igual a do Castelo de Milão

Apesar de várias especulações e teorias da conspiração, não se sabe ao certo quais as mensagens subliminares na composição. Porém, existem detalhes curiosos e interessantes, como o fato das tapeçarias que adornam as paredes da arquitetura falsa da pintura serem idênticas à do castelo em Milão.

Esta é também a obra que concede fama e glória a Leonardo, nesse momento com mais de 40 anos.

Fonte: culturagenial.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Palavras Em Verso, Prosa e Melodia

Waly Dias Salomão (Jequié, Bahia, 1943 – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003). Poeta, produtor cultural, diretor artístico e letrista de música popular brasileira. Distingue-se na poesia por uma estética do excesso e da ruptura, num constante exercício de liberdade artística

Devenir, devir

Término de leitura
de um livro de poemas
não pode ser o ponto final.

Também não pode ser
a pacatez burguesa do
ponto seguimento.

Meta desejável:
alcançar o
ponto de ebulição.

Morro e transformo-me.

Leitor, eu te repropo
a legenda de Goethe:
Morre e devém
Morre e transforma-te.

Saúde Mental



Psicofobia: o que é e como combatê-la

Psicofobia é o preconceito com relação a pessoas que sofrem de transtornos mentais. Leia nosso artigo completo para compreender melhor!

Há tempos o debate em torno do preconceito sobre assuntos envolvendo a saúde mental vem sendo foco de diversas pesquisas acadêmicas, estendendo também para a rotina de profissionais em clínicas e consultórios. Em 2021, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) colocou milhares de estudantes para refletir propondo “O estigma associado às doenças mentais na sociedade brasileira” como tema da redação.

Uma entrevista divulgada em 2014, onde o humorista Chico Anysio, falecido há 10 anos, afirmava que fazia tratamento para depressão e acreditava que era importante falar sobre o assunto para acabar com o preconceito, abriu portas para a discussão. Por conta deste depoimento, dois anos mais tarde, o Congresso Nacional aprovou a criação do Dia Nacional de Enfrentamento à Psicofobia, estabelecendo o dia 12 de abril como a data para alertar a sociedade sobre este preconceito.

Trazendo o assunto para a atualidade, o Datasus, por meio do Ministério da Saúde, divulgou recentemente que o Brasil vive uma 'segunda pandemia', só que na saúde mental. O relatório descreve que, em 2022, o país vivencia uma multidão de deprimidos e ansiosos, com um aumento de 7 mil para 14 mil óbitos por lesões autoprovocadas em 20 anos. Ao redor do mundo, a Covid-19 levou à piora da saúde mental de quase metade de adultos de 30 países, incluindo o Brasil, segundo a pesquisa World Mental Health Day 2021, do Instituto Ipsos.

Diante dos fatos, você já deve ter compreendido que precisamos falar sobre este assunto e que não há como ter preconceito diante das doenças psíquicas. Aliás, a Psicofobia, tema central deste artigo, significa exatamente isso, o preconceito em si com relação a pessoas que sofrem de transtornos mentais. Continue a leitura para compreender melhor!

Ansiedade e depressão

Antes de falarmos sobre o preconceito, é fundamental que você compreenda a ansiedade e a depressão, portas de entrada para diversas doenças que afligem a mente. Mas é importante destacarmos que existe uma diferença entre elas.

Resumidamente, a ansiedade é o alerta, um sinal do nosso corpo diante do perigo. Especialistas afirmam que ela é comum a todos, seria como aquele frio na barriga que você sente na véspera do vestibular, por exemplo. Mas, quando ela ultrapassa a normalidade é preciso procurar ajuda médica. Já existe a previsão de que pelo menos um terço da população mundial será afetada pela ansiedade ao longo da vida, incluindo crianças e adolescentes.

O Sistema de Saúde Pública do Reino Unido (NHS), define a ansiedade como uma reação natural do corpo humano ligada muitas vezes ao que se chama de "luta ou fuga". O problema é quando isso se torna excessivo e vira uma patologia.

A ansiedade pode ser o primeiro sintoma de depressão. Agora, como saber o que de fato é a 'doença do século', conforme vem sendo denominada? Em linhas gerais, a depressão é descrita por especialistas como um transtorno biológico no qual a pessoa se sente deprimida ou perde o interesse ou prazer em relação a algo que tinha antes, afetando diversas áreas de sua vida.

Esta é uma doença que vem se tornando comum. A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que ela afeta atualmente quase 12 milhões de pessoas no Brasil, uma condição que não tem causa única e atinge as pessoas independentemente da idade, classe social, profissão, raça/etnia ou gênero.

Psicofobia, o que é?

Como já afirmamos no início deste artigo, a Psicofobia é o preconceito em relação às pessoas que sofrem de transtornos mentais. Segundo Rafael Polakiewicz, doutorando em Ciências do Cuidado em Saúde (UFF), este termo não costuma ser usado na psiquiatria, mas tem um valor social para falar e ser inclusivo sobre o assunto. Polakiewicz alerta que o preconceito promove um duplo sofrimento para quem convive com doenças mentais.

O termo Psicofobia tem sido utilizado para discutir o preconceito das pessoas relacionando a um duplo sofrimento, aquele que advém da doença e aquele nascido no preconceito. O estigma pode ser visto de muitas formas, destacando como um processo depreciativo que gera o afastamento da pessoa do meio social ou grupo dominante. - Rafael Polakiewicz, doutorando em Ciências do Cuidado em Saúde (UFF)

Este sofrimento duplo, descrito por Polakiewicz, se configura muitas vezes dentro do seio familiar. O estigma em torno do paciente psiquiátrico de que ele é um 'ser humano fraco' pode começar dentro de casa. Profissionais afirmam que os pais costumam ter dificuldade de aceitar que um filho seja paciente psicológico.

Como combater a Psicofobia

Segundo os profissionais da psiquiatria, essa aversão tem a desinformação como principal causa. Ou seja, a principal forma de combate à Psicofobia é alertando a sociedade e promovendo diálogos em torno do respeito à saúde mental. Se os pacientes forem ouvidos e respeitados, facilita o entendimento.

Polakiewicz ainda aponta que o estigma pode ser visto de muitas formas e se configura como um processo depreciativo que gera o afastamento da pessoa do meio social ou grupo dominante.

A doença mental gera vários problemas às pessoas, mas, sem dúvida, a falta de acolhimento da sociedade, materializada no capacitismo e na construção de estigmas, são os piores danos. Esses não são gerados pela doença, mas pelas pessoas que excluem todos que são diferentes e que se afastam da razão, condição fundamental para a prática da produção e da manutenção da sociedade, segundo a lógica do produtivismo. Este conceito de desenvolvimento exclui os que produzem parcialmente ou que por causa da doença podem inclusive ficar temporariamente ou totalmente afastados de atividades laborais/instrumentais. - Rafael Polakiewicz, doutorando em Ciências do Cuidado em Saúde (UFF).

Sabe-se que muitas pessoas desenvolvem aversão à leitura em função de primeiros contatos com livros terem ocorrido por imposição. Por isso, é importante procurar identificar as preferências de cada um.

Hábito precisa nascer na infância

Incentivar este hábito ainda na infância é a forma mais fácil de formar um adulto com gosto pela leitura. Para isso é necessário estabelecer uma relação agradável entre as crianças e os livros.

Desde muito pequenos, eles já podem ter contato com obras feitas em materiais plásticos, coloridos, com muitos desenhos e até sons e relevos para estimular o tato. Segundo a professora, as crianças estão mais abertas para as novas experiências.

- O hábito da leitura pode ser introduzido em qualquer momento da vida, porém, como mudanças de hábito vão se tornando difíceis com o passar dos anos, o ideal é que o hábito seja incentivado desde os primeiros anos de vida - recomenda Tania.

Benefícios a longo prazo

Pessoas que costumam ler com frequência, por gosto ou obrigação, desenvolvem habilidades mais duradouras como o raciocínio lógico, expressão escrita, capacidade de argumentação, concentração e análise aprofundada de uma determinada temática. Isso se reflete não só nos estudos e no trabalho, mas também nas relações interpessoais.

- A qualidade de vida de quem lê aumenta dia após dia na medida de suas leituras, da variedade dos assuntos, da profundidade das abordagens, da literatura, da filosofia, da história, das ciências. A leitura revela ao leitor mundos variados, sem precisar sair de casa - afirma o também professor de Psicologia da Educação da UFRGS Fernando Becker.

BENEFÍCIOS DE QUEM LÊ

- :: desenvolve um vocabulário maior
- :: tem mais facilidade para argumentar e discutir assuntos com profundidade
- :: desenvolve capacidade maior de concentração
- :: relaxa com a leitura
- :: cria habilidades na expressão escrita

COMO CRIAR O HÁBITO

- :: procure assuntos e histórias de seu interesse
- :: não fique preso a ler apenas os livros mais conhecidos ou indicados
- :: crie um ambiente adequado à leitura, sem barulhos, em uma posição confortável

- Para as crianças:

:: leve-as junto para comprar ou escolher em uma biblioteca

:: fique atento à faixa etária: as linguagens e assuntos devem ser compatíveis com a idade

:: não obrigue a criança a ler

:: leia junto para incentivá-la

Mas, e se a leitura causa sonolência?

Não é ler um livro que dá sono, claro, mas substâncias químicas que agem no corpo. Uma delas é a adenosina, que se acumula ao longo do dia. Quanto mais adenosina, maior o sono, explica Fábio Haggstram, diretor do Centro de Distúrbios do Sono do Hospital São Lucas, de Porto Alegre. Ou seja, o problema, na verdade, é a hora da leitura. Experimente ler em outro horário. Você pode até sentir preguiça, não conseguir nem virar a página e se entediar. Mas não terá sono.

Já a segunda substância envolvida é a melatonina. Ela regula o sono, pois é liberada quando o ambiente escurece. Por isso dormimos, normalmente, à noite. E, como a luz inibe a produção de melatonina, quem lê no tablet, por exemplo, tende a sentir menos sono do que quem lê no papel. É por esse mesmo motivo que é mais fácil passar horas na internet ou vendo televisão do que ler um bom livro de madrugada. Não se sinta culpado se a TV estiver mais agradável às 4h.

Três dicas para não dormir

1. Começou a bocejar? Levante e dê uns pulinhos. Estar acordado é reagir a estímulos, e esse pequeno exercício nada mais é do que um estímulo motor. De quebra, vai ajudar a quebrar a monotonia.

2. Ler em voz alta exercita outras partes do cérebro, como o lobo temporal (relacionado à audição) e o lobo frontal (relacionado à produção da fala), e vai acabar com aquela preguiça momentânea.

3. Leia sentado. É lógico: a não ser que você tenha problema na coluna, é mais difícil dormir sentado do que deitado, já que, para dormir, é preciso relaxar toda a musculatura, o que não ocorre sentado.

Fontes: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/>

<https://super.abril.com.br/comportamento/por-que-ler-da-sono>

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.